



Tópicos de Sintaxe I

Prof. Wagner Santos

AULA 07

Sumário

INTRODUÇÃO	4
1 FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO	4
2 RELAÇÕES SINTÁTICAS DENTRO DAS ORAÇÕES	7
2.1 Estrutura macro (sujeito e predicado)	8
2.1.1 Sujeito	8
Sujeito simples	11
Sujeito composto	11
Sujeito oculto, desinencial ou elíptico	12
Sujeito indeterminado	13
Sujeito inexistente ou oração sem sujeito	14
2.1.2 Predicado	15
Predicado nominal	18
Predicado verbal	18
Predicado verbo-nominal	18
2.2 Estruturas complementares	19
2.2.1 Complementos verbais	19
Objeto direto	19
Objeto indireto	20
Agente da passiva	22
Vozes verbais	22
2.2.2 Complemento nominal	27
2.2.3 Predicativos	28
Predicativo do sujeito	28
Predicativo do objeto	29
2.3 Estruturas modificadoras	29
2.3.1 Adjunto adnominal	29
2.3.2 Adjunto adverbial	32



2.3.3 Aposto	34
2.3.4 Vocativo	35
3 EXERCÍCIOS	36
4 GABARITO	55
5 QUESTÕES RESOLVIDAS E COMENTADAS	56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DAS AULAS	95



Introdução

E aí, Bolas de Fogo?

Chegamos ao chuchuzinho de nossas aulas (sou muito tendencioso, né?). Brincadeira. Chegamos ao momento de olharmos nossas relações sintáticas dentro das orações e entre as orações nos períodos compostos e simples.

Esse assunto é muito importante para todos os vestibulares, dado que a análise sintática acaba sendo uma das formas que apresenta construção ampla em significados e contextos.

Com relação ao nosso cronograma, fiz uma pequena modificação: nessa aula apresento todas as funções sintáticas dentro da oração e, na nossa próxima aula, apresento um aprofundamento interessante sobre as relações das funções sintáticas e os textos. Você vai gostar, bola de fogo, pode deixar.

A aula de hoje é extremamente “pesada”, dado que temos muitos conteúdos a serem trabalhados e muitos exercícios a serem resolvidos. Nessa aula, veremos:

- ❖ Relações sintáticas entre os termos dentro de uma oração; e
- ❖ Muitos exercícios.

Bora que só bora?

1 Frase, oração e período

Para que tenhamos um melhor aproveitamento de nosso conteúdo de sintaxe, é essencial que tenhamos uma relação inicial de compreensão do que seriam os enunciados em língua portuguesa. Sempre reforço a ideia de falarmos sobre a nossa língua, porque não necessariamente ela é igual à forma como funcionam as outras línguas. Assim, é interessante notar alguns conceitos.

Para começarmos, entendemos que “enunciados”, em uma língua, estão relacionados diretamente à relação de comunicação. Assim, podemos entender a ideia de enunciado como:

Enunciado é toda construção verbal que apresenta-se como parte essencial do **processo comunicativo**. Sempre válido lembrar que a ideia de “construção verbal”, nesse caso, refere-se **ao uso da linguagem verbal e não necessariamente dos verbos**.

Desse box, destaco a ideia de que os enunciados verbais não necessariamente se relacionam com a noção de verbos, mas com o tipo de linguagem utilizado.



Esses enunciados são classificados de três formas, que veremos a seguir.

Frase é um enunciado que apresenta, necessariamente, sentido semântico completo. Pode ser verbal, quando apresenta literalmente verbo; ou nominal, quando apresenta-se sem verbos.

Cuidado! (Frase nominal)
Silêncio! (Frase nominal)
Cheguei cedo demais ao trabalho hoje. (Frase verbal)

Não se assuste ou ache que esse Bola de Fogo que vos fala ficou maluco. As frases verbais realmente coincidem com os períodos e com algumas orações. Não há erro nisso. É uma correspondência natural.

Oração é um enunciado verbal que contém, **obrigatoriamente**, uma forma verbal (verbo ou locução verbal). A ideia das orações é a de que elas não precisam, necessariamente, ter sentido sintático completo.

Eles **saíram** muito cedo hoje. (Uma oração)
Encontramos Maria e **perguntamos** por sua mãe. (Duas orações)
Maria **nadou** pela manhã, e eu, à tarde. (Duas orações com verbo em zeugma na segunda)

É interessante notar duas coisas com relação às orações encontradas acima:

- ❖ Podemos ter verbos em Zeugma, que, como visto em nossa aula 03, é uma figura de linguagem que indica que um verbo foi retirado para evitar repetição, já tendo aparecido anteriormente.
- ❖ Para cada **verbo** ou **locução verbal**, entendemos a existência de uma oração. Veja o segundo exemplo. No caso, as orações não precisam estar completas sintática e semanticamente. Veja a seguir:

Ele **perguntou** se **poderíamos dividir** aquela corrida de táxi.



No exemplo do box anterior, a primeira oração não apresenta seu sentido sintático (e consequentemente semântico) completo. Quem completa essas duas faces da primeira oração é a segunda oração. Mas calma, que vamos falar disso mais à frente.

Período é um enunciado que apresenta sentido completo (sintática e semanticamente), sempre formado por, ao menos, uma oração (há, então, ao menos uma forma verbal).
Apresenta início e fim gramatical (inicia-se com letra maiúscula e encerra-se com ponto forte – ponto final, de interrogação ou de exclamação).

Classifica-se de duas formas:

- Simples, com somente uma oração.
- Composto, com duas ou mais orações.

Os cachorros **estavam** loucos no sofá. (Período simples)
Os cachorros **correram** e **brincaram** durante horas. (Período composto)
Você **sabe** que os cachorros **precisam** de brincadeiras? (Período composto)

TOME
NOTA!



- 1) De forma geral, o conceito de **frase** não é cobrado nos exames.
- 2) As **orações** e os **períodos** são a base da análise sintática em português.
- 3) Há algumas coincidências interessantes nesse conteúdo:
 - as **frases verbais** coincidem com os períodos simples;
 - os **períodos simples** são chamados, também, de **oração absoluta**.
- 4) Não devemos olhar somente para a noção semântica, mas muito para a noção sintática.

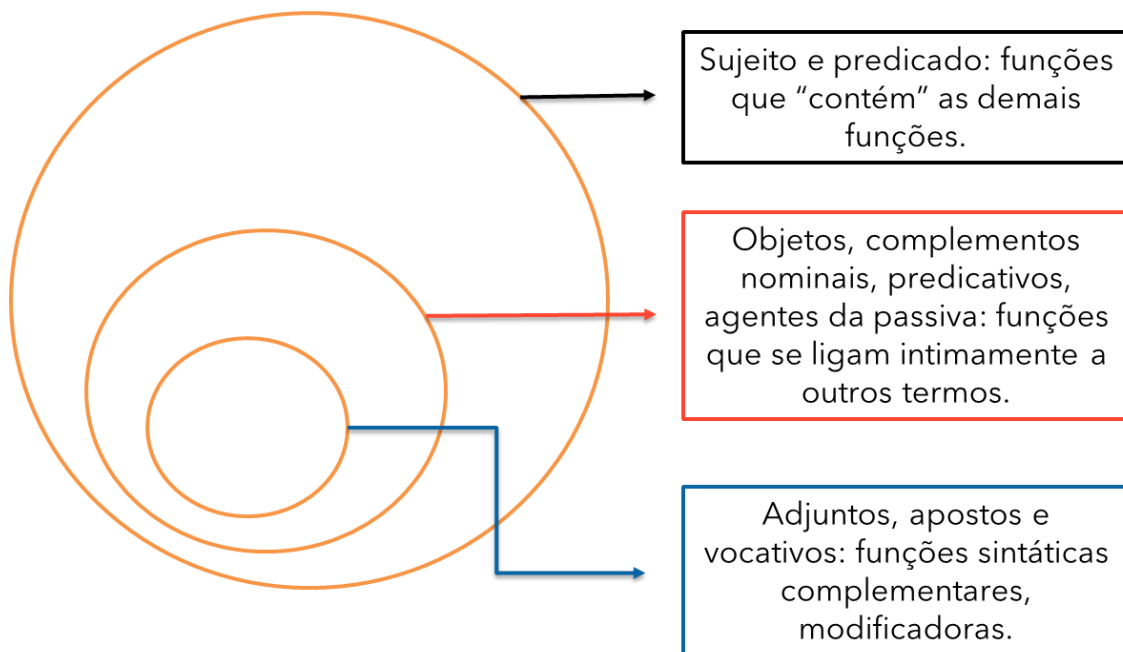
Em nossa aula, analisaremos as relações dentro da própria oração. Por isso, esses dois conceitos são os essenciais para a nossa aula de hoje e para um bom desempenho no decorrer de sua formação e desempenho nos exames.





2 Relações sintáticas dentro das orações

Dentro de um enunciado, podemos ter uma série de funções sintáticas e diversas formas de classificação aos termos ali encontrados. É interessante, inicialmente, pensarmos o seguinte: **todo termo dentro de uma oração apresentará uma relação sintática com outro termo**. Assim, imaginamos a seguinte separação para as funções sintáticas:



É interessante notar que, aqui, adotamos uma nomenclatura completamente linguística, percebendo as modificações que a gramática vem sofrendo nos últimos tempos. É interessante notar que há sempre discussões com relação às nomenclaturas anteriores. Por exemplo, o **sujeito** e o **predicado** sempre foram chamados de **termos essenciais**, classificação discutível, dado que há a construção, em português, de **orações sem sujeito**, como veremos. Dessa forma, a nomenclatura termina sendo incoerente quando a pensamos logicamente. Assim, passaremos à análise das classificações.



2.1 Estrutura macro (sujeito e predicado)

Entendem-se, como estruturas macro, as duas estruturas maiores que englobam, como na figura da página anterior, as demais estruturas. Via de regra, entendemos que as estruturas sintáticas de **sujeito** e **predicado** conterão as demais, antigamente chamadas de **termos integrantes** e **termos acessórios**.

2.1.1 Sujeito

O sujeito, assim como todas as formas sintáticas, deve ser entendido a partir de três possibilidades de entendimento: **segundo a sintaxe**, **segundo a morfologia** e **segundo a semântica**.



Sintaxe

- É o termo que determina a concordância do verbo.



Morfologia

- É sempre um termo de valor substantivo.



Semântica

- É o termo que pratica, sofre ou pratica/sofre a noção verbal.

De forma bastante geral, podemos entender que o sujeito é o elemento a quem o predicado se refere, dado que temos verbos que não são de ação. Além disso, **usualmente**, ocupa a primeira posição da oração. Ou seja, **via de regra**, aparece anteposto ao verbo, ainda que possamos ter a relação de posicionamento posposto ao verbo, por meio de um hipérbato.

Antes de entrarmos nas classificações em específico dos sujeitos, que são em número de cinco no português, é interessante que notemos algumas relações que esse termo sintático estabelecerá de forma mais ampla.

Inicialmente, analisamos o sujeito com a ideia de ser **determinado**, **não determinado** ou, ainda, **inexistente**. Para que entendamos essas classificações iniciais, vejamos algumas características:

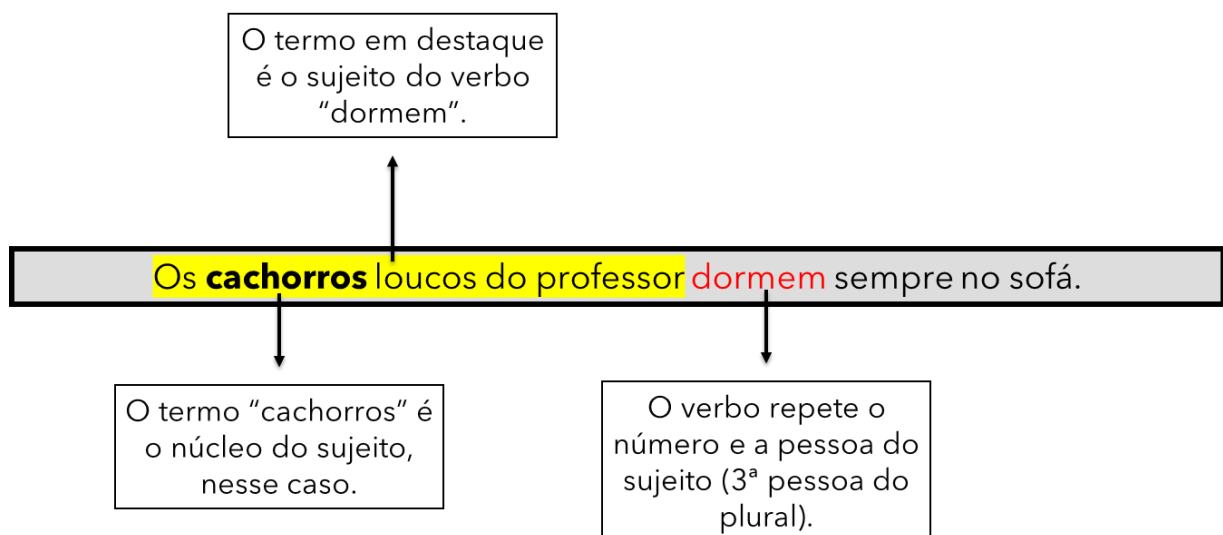
- **Sujeito determinado:** é aquele que pode ser percebido pela presença de **núcleos** (dos quais falaremos a seguir) ou **no contexto/desinência verbal**.
- **Sujeito indeterminado:** é um sujeito existente, mas não passível de identificação sintática. Ou seja, não podemos encontrá-lo no contexto, ou, ainda, com expressão de sujeito.
- **Sujeito inexistente:** é um sujeito que não existe, literalmente. O verbo não selecionará sujeito nesse caso (falaremos mais à frente).

Tendo entendido a relação inicial, é interessante que pensemos no que é o núcleo de um sujeito. É o elemento **sintático mais importante**. A ideia é a seguinte: é uma informação extremamente importante para a sintaxe do enunciado, sendo, inclusive, o responsável pela construção de concordância.

O núcleo do sujeito será:

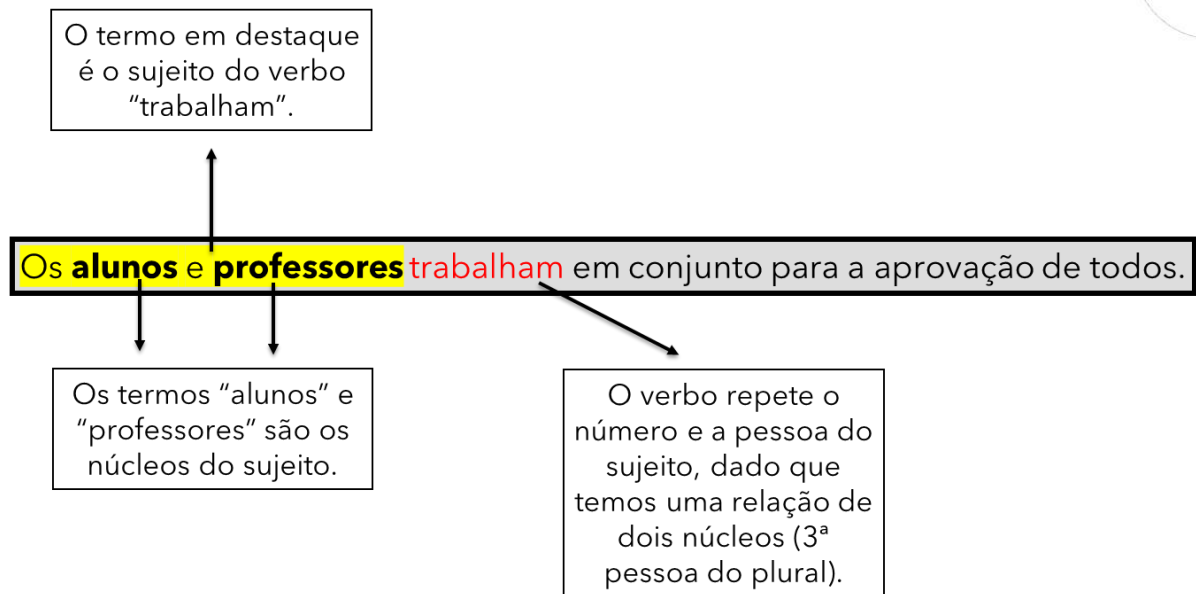
- Um termo necessariamente substantivo ou com valor de substantivo (pronomes, substantivos, etc.).
- O núcleo do sujeito não pode ser um termo preposicionado segundo a norma culta.

Vejamos alguns exemplos e, em seguida, alguns testes para que consigamos entender que são os sujeitos da oração.



Nesse primeiro exemplo, entendemos que o sujeito é mais longo do que o núcleo, dado que envolve os elementos que se relacionam com esse núcleo. Calma que logo apresento os nossos testes e tudo fica mais fácil na vida de vocês, bolas de fogo.





Dessa forma, conseguimos compreender as relações iniciais do sujeito, inclusive já entendendo um pouco da relação de concordância nas orações.

INDO MAIS
FUNDO!



Alguns testes são possíveis para que possamos identificar o sujeito. Destacamos, então, três deles, para que vocês não se percam na relação de compreensão dessa função sintática:

- 1) Pronominalização:** é literalmente a transformação do sujeito em um pronome pessoal do caso reto (Eu, Tu, Ele, Nós, Vós e Eles). No caso, tudo o que for "para dentro do sujeito" é classificado como sujeito.

Os alunos do Bola de Fogo são extremamente dedicados.
(Eles são extremamente dedicados.)

- 2) Topicalização:** é literalmente colocarmos o termo na posição inicial da oração, com a construção expletiva "é que", e suas variações. O termo que vai para a posição entre o verbo e o conectivo na expressão é o sujeito (ou qualquer outra função).

Chegaram atrasados os professores e os alunos.
(Foram os professores e os alunos que chegaram atrasados.)



3) Troca de concordância: por fim, uma dica é trocar o número do que se suspeita ser o sujeito, para que tenhamos mudança de concordância verbal.

Os meninos bonitos da escola sempre fazem muito sucesso.
(O menino bonito da escola sempre faz sucesso.)

Tendo em vista esses três testes, acredito que sua vida será facilitada com relação à compreensão do sujeito de uma oração.

Sujeito simples

O sujeito simples é definido como sendo aquele que apresenta somente um núcleo. Esse núcleo, como sabemos, pode aparecer de forma plural ou singular e é necessário que tomemos cuidado com isso. Vejamos um exemplo dessa classificação.

Os **alunos** do Estratégia são muito bem preparados para as provas.

- Temos, nesse caso, um só núcleo, dado que Estratégia aparece preposicionado e modificador de “alunos”.
- Nesse exemplo, nota-se que o termo em destaque é o sujeito da oração e podemos testar da seguinte forma:

Eles são muito bem preparados para as provas.

Sujeito composto

O sujeito composto é definido como sendo aquele que apresenta **dois ou mais núcleos**, logicamente substantivos ou termos equivalentes.

A **menina, o menino e os amigos** foram convidados para a festa.

- Temos, nesse caso, três núcleos, destacados em negrito.
- Nesse exemplo, nota-se que o termo em destaque é o sujeito da oração e podemos testar da seguinte forma:

Eles foram convidados para a festa.



Sujeito oculto, desinencial ou elíptico

Nesse tipo de sujeito, que pode apresentar-se com qualquer uma das nomenclaturas apresentadas, temos possibilidade de determinar o sujeito a partir de duas “regras”. Vamos vê-las a seguir, com seus exemplos já aparentes.

- **Verbos na primeira e na segunda pessoa gramaticais, sem determinação do sujeito em outra posição da estrutura.**

Cheguei a tempo de encontrar minha mãe.

- Nesse caso, nota-se que o verbo “cheguei” está na primeira pessoa do singular, indicando que o sujeito só pode ser o elemento “eu”.
- O sujeito, nesse caso, é determinado pela conjugação verbal, e é expresso em: sujeito oculto (eu).

Buscas encontrar o sentido da vida todo dia.

- Nesse caso, nota-se que o verbo “buscas” está na segunda pessoa do singular, indicando que o sujeito só pode ser o elemento “tu”.
- O sujeito, nesse caso, é determinado pela conjugação verbal, e é expresso em: sujeito oculto (tu).

Nos dois exemplos acima, encontramos a classificação clássica do sujeito desinencial, dado que é a desinência dos dois verbos que indica o sujeito da expressão verbal.

- **Quando o sujeito já apareceu expresso em algum outro momento do contexto e pode, sem modificação de sentido, ser retomado em um verbo.**

Os meninos entraram em casa e encontraram a mesa posta.



Zeugma de “os meninos”

- O primeiro verbo tem sujeito simples, os meninos. Como estamos diante de um contexto em que a retomada é possível pela zeugma diante do verbo “encontraram”, dizemos que esse segundo sujeito é oculto.
- O sujeito, nesse caso, é determinado pela conjugação verbal, e é expresso em: sujeito oculto (eles).



Sujeito indeterminado

O sujeito indeterminado é definido como aquele que **não está expresso textualmente e é impossível que ele seja identificado pelo contexto ou pela flexão verbal**. Esse tipo de sujeito obedece, para existir, a duas regras ditadas pela norma culta:

- **Verbos na terceira pessoa do plural, sem sujeito determinado.**

Esse tipo de sujeito, nessa condição, ocorre com verbos que apresentem qualquer transitividade: **VI, VL, VTD, VTI e VTDI**. Inclusive, já é interessante que você perceba que, **no caso dos verbos transitivos diretos e no caso dos verbos transitivos diretos e indiretos**, essa é a **única forma de indeterminação do sujeito aceita pela gramática**.

Quebraram as lâmpadas da sala de aula durante a noite.

- O verbo “quebraram” não apresenta sujeito expresso. Não sabemos, então, quem praticou a ação de quebrar tais lâmpadas. Dessa forma, o sujeito será classificado como indeterminado.

Ligaram para você logo depois da sua saída e não deixaram recado.

- Os verbos “quebraram” e “deixaram” não apresentam sujeito expresso. Não sabemos, então, quem praticou as duas ações. Então, os sujeitos serão classificados como indeterminados.

- **Verbos intransitivos (VI), transitivos indiretos (VTI) e de ligação (VL) na terceira pessoa do singular com índice de indeterminação do sujeito (partícula “se”).**

Vivia-se de forma espetacular antes dos problemas.

- O verbo “vivia” é classificado como um verbo intransitivo e, como não apresenta sujeito expresso, apresentando índice de indeterminação do sujeito, tem sujeito classificado como indeterminado.



Precisa-se de amor e atenção no momento atual.

- O verbo “precisa” é classificado como um verbo transitivo indireto e, como não apresenta sujeito expreso, apresentando índice de indeterminação do sujeito, tem sujeito classificado como indeterminado.

Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

Os sujeitos inexistentes ocorrem quando há os chamados **verbos impessoais**. Esses verbos recebem essa nomenclatura exatamente por não selecionarem modificação de pessoa quando são utilizados. Vale destacar que esses verbos são **sempre utilizados, quando impessoais, na terceira pessoa do singular**. Alguns casos mais comuns desse tipo de sujeito são interessantes de serem lembrados:

1) Verbos indicando fenômenos da natureza (meteorológicos):

Choveu demais em Brasília durante esse ano.
Nevou muito em Nova Iorque durante o inverno.

2) Verbo “haver” no sentido de existir e de tempo decorrido:

Havia muitos alunos interessados na aula de gramática.
Há muitos anos não encontrávamos tantos amigos juntos.
Havia duas semanas que Maria não aparecia em casa.

3) Verbos “ser” e “fazer” indicando tempo de modo geral:

Era verão quando conheci sua mãe.
Faz mais de três anos que não tenho uma crise.
Vai fazer dez anos que estou trabalhando nessa escola.

Com relação a esse tipo de classificação de sujeito, alguns casos devem ser considerados, dado que teremos comportamentos diferentes a depender da utilização e do contexto. Como sempre afirmamos durante nossas aulas, o contexto é essencial para que tenhamos uma análise textual completa. Isso se aplica, também, à noção de sintaxe. Há muitas variações com relação às classificações em geral, quando o assunto é sintaxe. Portanto, **evite a decoreba**, porque ela pode te derrubar!



FIQUE
ATENTO!



Alguns elementos sempre devem ser considerados no contexto para que analisemos esse tipo de verbo, o impessoal.

1) Locuções verbais: nas locuções verbais, quando há verbos impessoais como **verbo principal**, toda a locução será considerada impessoal.

Deve haver muitos alunos assistindo à aula de gramática.

Vai fazer dez anos que não encontramos toda a turma da escola.

2) Verbos meteorológicos: quando esses verbos são usados conotativamente, há sujeito normalmente.

Choveram reclamações contra aquela empresa de alimentação.

Choveu papel picado durante a comemoração do título mundial.

O professor **trovejou** reclamações contra aqueles meninos.

2.1.2 Predicado

Tradicionalmente, o predicado é entendido como **uma declaração acerca do sujeito**. Contudo, essa noção pode ser ampliada quando pensamos que o **predicado é o local em que o verbo desenvolve sua noção, com modificadores possíveis do verbo e do sujeito, por exemplo**. Como essa ampliação é extremamente importante, antes de falarmos sobre a relação dos predicados, quanto à classificação, vamos nos aprofundar nas relações de transitividade (relacionadas a aspectos sintático-semânticos).

Antes de iniciarmos essa parte tão importante, que será muito utilizada nas relações de regência verbal e de complementação por objetos, é interessante lembrar duas coisinhas essenciais:

- **O contexto é determinante para a classificação de transitividade verbal; e**
- **Há variação de transitividade dos verbos dependendo do significado e do uso nos enunciados.**



A análise da transitividade verbal se dá, com relação à classificação, da seguinte forma:

Verbos intransitivos

- São verbos que não apresentam complementação sintática (ainda que em alguns momentos isso seja semanticamente necessário).

Ele **comeu** muito.

Choveu intensamente durante o verão.

Existem mil e uma formas de analisar uma oração.

Eles **estavam** na escola durante o dia.

Nos três primeiros exemplos, o verbo não seleciona nenhuma forma de complementação. Contudo, na quarta oração, como temos um complemento com valor de **lugar**, o verbo permanece **intransitivo**, ainda que com essa forma de complemento (chamada por muitos de complemento circunstancial).

São verbos muito comuns em língua portuguesa, mas que, em muitos casos, podem sofrer variação quanto ao contexto, como veremos na parte de complementação verbal.

Verbos Transitivos

- São verbos que apresentam complementação sintática.
- Dividem-se em três classificações, determinadas pela existência dos complementos verbais (objetos diretos e indiretos).

Verbos Transitivos diretos

1) Transitivos diretos: apresentam complemento sem preposição exigida pelo verbo.

Ele **comeu** um frango inteiro durante o almoço.

Ele **fez** toda a tarefa durante a própria aula.

Os meninos **adoram estudar** gramática no Estratégia.

Os elementos sublinhados são os objetos diretos dos verbos em negrito.

Verbos Transitivos indiretos

2) Transitivos indiretos: apresentam complemento com preposição exigida pelo verbo.

Ele **precisa** de muita atenção durante a aula.

Os alunos **assistiram** à aula de matemática durante a tarde.

Os meninos **aspiram**, desde sempre, àquela universidade.

Os elementos sublinhados são os objetos indiretos dos verbos em negrito.



Verbos Transitivos diretos e indiretos

3) Transitivos diretos e indiretos: apresentam um complemento sem preposição e outro com preposição exigida pelo verbo.

O cliente finalmente **pagou** a dívida *ao condomínio*.
O namorado **enviou** rosas *à namorada* no dia de seu aniversário.

Os elementos sublinhados são os objetos diretos dos verbos em negrito, enquanto os termos em itálico são objetos indiretos.

É interessante notar que os verbos transitivos diretos e indiretos podem ocorrer em contextos nos quais se selecionam somente um dos objetos, por isso a importância de observar o contexto antes de classificar a transitividade de um verbo. **Não se esqueça disso.**

Verbos de ligação

- São verbos que servem para unir um sujeito a uma característica desse sujeito.
- Podem ocorrer em casos específicos dentro dos contextos de uso.

Eles **estavam** doentes a tempo demais, preocupando os pais.

Eles **são** muito esforçados quando o assunto é gramática.

O príncipe **virou** um sapo naquele conto de fadas.

Meu filho **se transformou** em um excelente homem de família.

Os termos sublinhados são predicativos do sujeito nas orações, nas quais todos os verbos são classificados como de ligação.

As transitividades são extremamente importantes em todas as nossas análises sintáticas, dado que temos relações muito claras de referência. Retomaremos esse assunto quando falarmos sobre os termos complementadores. Com relação à classificação dos predicados, pouco cobrada, mas de importância de conhecimento, é interessante notarmos as seguintes relações dos verbos:

O verbo é uma palavra que representa:

- **ação praticada** (verbos de ação);
- **estado** (verbos de ligação); ou
- **fenômenos da natureza**.

Eu comi muito. (ação feita por alguém, localizada num tempo específico)

O dia está lindo. (estado de algo ou alguém)

Chove. (fenômeno da natureza, relativo à meteorologia)



Predicado nominal

O predicado nominal é formado, necessariamente, pela fórmula **verbo de ligação + predicativo do sujeito**. Vamos aprofundar a ideia dos predicativos do sujeito mais à frente, mas se lembre de sua noção principal: **é uma característica do sujeito** a qual está, necessariamente, **no predicado**.

Nesse caso, como os verbos só unem as duas ideias, sujeito e sua característica, entende-se que somente o predicativo será **núcleo** do enunciado. Assim, é só pensar que, em um predicado nominal, o núcleo é **sempre** o **predicativo do sujeito**.

Eles estavam **cansados** de tanto estudo.
Os meninos viraram **máquinas de estudar** durante a pandemia.
A menina transformou-se **em uma mulher de sucesso**.

Os termos em negrito são os **predicativos do sujeito**, núcleos dos predicados dos enunciados.

Predicado verbal

O predicado verbal apresentará, necessariamente, um **verbo de ação** ou um **verbo de fenômeno da natureza**. Não poderemos, então, ter qualquer forma de predicativo nesse caso, dado que **somente o verbo figurará como núcleo dessa construção**. Note que o nome do núcleo é que determinará o nome do predicado.

Marco Túlio **deu** uma excelente aula sobre o Brasil Colônia.
Relampejou demais durante essa noite em Brasília.
O vento **virou** os carros durante a tempestade.
A menina finalmente **assistiu** ao filme da Marvel.

Os termos em negrito são **verbos de significado** e, por isso, serão núcleos do predicado. Não há, em nenhum dos enunciados, construção de predicativo, seja do sujeito, seja do objeto.

Nesse caso, a transitividade do verbo te ajudará a determinar o tipo de predicado, sem deixarmos de lado a ideia do contexto que tanto falamos.

Predicado verbo-nominal

O **predicado verbo-nominal** apresentará, necessariamente, dois núcleos: um **verbo de significado** e um **predicativo**, que pode ser do sujeito ou do objeto.

Essa forma de classificação é interessante para que entendamos que o **predicativo do sujeito** não ocorre somente com **verbos de ligação**, mas com verbos **intransitivos também**.



A menina finalmente **pôde respirar** aliviada.
Encontramos cuidados os jardins e a casa toda.
Eles **chegaram** esbaforidos à casa de Maria.
O juiz **considerou** o réu culpado das acusações.

No primeiro exemplo, temos predicativo do sujeito sublinhado.
No segundo exemplo, temos predicativo do objeto sublinhado.
No terceiro exemplo, temos predicativo do sujeito sublinhado.
No quarto exemplo, temos predicativo do objeto sublinhado.

(Todos os termos destacados são núcleos de seus predicados.)

2.2 Estruturas complementares

Entende-se, hoje, as estruturas complementares como aquelas que, sintaticamente, desempenham função de complementação de elementos. Antigamente, esses termos eram chamados de **termos integrantes**, e pode ser que vocês os conheçam dessa forma. Não há problema com relação a essa classificação. Aqui, dentre esses termos, encaixamos essencialmente quatro funções, a saber, **Objeto direto e Objeto indireto** (complementos verbais); **Complemento nominal**; e **Agente da passiva**. Além desses, consideramos os **predicativos** termos complementares, tanto o do sujeito, quanto o do objeto.

2.2.1 Complementos verbais

Os complementos verbais são aqueles que integram a natureza do verbo dentro de um determinado contexto. É interessante notar que os verbos se “aproveitam” deles para terem também significação completa quanto à semântica, fato que nos leva, muitas vezes, a querer decorar os verbos e suas transitividades. **Cuidado com relação a isso, porque, como já dissemos, o contexto será essencial para a construção de significados e relações sintáticas dos verbos e demais elementos.**

Esses elementos são, tradicionalmente, divididos entre aqueles que vêm precedidos de preposição e aqueles que não apresentam preposição. Essa relação com a preposição é a seguinte: **o verbo exigirá, ou não, a utilização desse conectivo**. Já, já vocês entenderão essa relação.

Objeto direto

O objeto direto é o complemento dos verbos transitivos diretos e um dos complementos dos verbos transitivos diretos e indiretos. Nesse caso, como o verbo não exige complementação com preposição, o objeto se liga diretamente ao verbo, sem a conexão de preposição exigida pelo verbo.



Maria adotou **um cachorrinho fofinho**.
Os meninos apresentaram **o trabalho ao professor**.
Queríamos **uma nova bancada de estudo** para nosso quarto.
Eles comeram **toda a ração** antes de sair.

(Todos os termos destacados são objetos diretos dos verbos.)

O objeto direto ainda pode apresentar duas outras classificações, as quais não serão aprofundadas, dado que não há cobrança constante desse tipo de construção no exame de vocês. Contudo, é interessante apresentar, ainda que rapidamente, as ideias desses complementos.

Objeto direto preposicionado e objeto direto pleonástico

- Os objetos diretos podem apresentar, em casos específicos, uma preposição que será exigida pelo contexto de uso, como ocorre no exemplo a seguir.

O menino comeu **do bolo** antes da mãe chegar. (indicação de parte)
Eles amam **a mim** de forma incondicional. (uso de pronome pessoal como OD)

- Por questões estilísticas, o objeto direto pode ser retomado nos enunciados, apresentando-se de forma **pleonástica**.

A menina, encontrei-**a** antes de sua consulta.

No exemplo acima, "a menina" é o objeto direto e o pronome em negrito é a retomada do objeto, classificado como **pleonástico**.

Objeto indireto

O objeto indireto é um complemento preposicionado, por necessidades do próprio verbo, e complementa um verbo transitivo indireto, além de também complementar o verbo transitivo direto e indireto.

Ele disse tudo o que precisava **para sua mãe**.
Eles assistiram **às aulas** com muita atenção.
Eles precisam **de mais aulas de gramática**.

(Todos os termos destacados são objetos indiretos dos verbos.)

O objeto indireto, assim como o direto, também pode ser construído a partir de uma retomada estilística, de forma pleonástica.



Objeto indireto pleonástico

- Por questões estilísticas, o objeto indireto também pode ser retomado nos enunciados, apresentando-se de forma **pleonástica**.

Aos pais, enviamo-**lhes** o boletim dos filhos.

No exemplo acima, “aos pais” é o objeto indireto e o pronome em negrito é a retomada do objeto, classificado como **pleonástico**.

Com relação aos testes, é possível que apliquemos as mesmas ideias dos testes do sujeito, com exceção do teste de concordância. Assim, é possível aplicarmos os seguintes testes para essa determinação:

INDO MAIS
FUNDO!



Alguns testes são possíveis para que possamos identificar o sujeito. Destacamos, então, três deles, para que vocês não se percam na relação de compreensão dessa função sintática:

- 1) Pronominalização:** é literalmente a transformação dos objetos em um pronome pessoal do caso oblíquo. No caso, tudo o que for “para dentro do pronome” é classificado como objeto.

Eles compraram duas camisas e três calças.
(Eles compraram-nas.)

Eles disseram a verdade aos alunos.
(Eles lhes disseram a verdade.)

- 2) Topicalização:** é literalmente colocarmos o termo na posição inicial da oração, com a construção expletiva “é que”, e suas variações.

Foram duas camisas e três calças que eles compraram.
Foi aos alunos que eles disseram a verdade.

Com relação aos objetos representados por pronomes oblíquos, é interessante notarmos que há restrições de uso:

- O, A, OS e AS, quando forem objetos, só podem ser objetos diretos.
- LHE, quando é objeto, só pode ser objeto indireto.



- Os demais oblíquos átonos podem funcionar como objetos diretos e indiretos, a depender do contexto.

Agente da passiva

O **agente da passiva** é um complemento verbal que aparece somente na voz passiva analítica. Não é obrigatório que toda construção passiva analítica apresente um agente da passiva, então não se preocupe em procurar essa construção todas as vezes. Inclusive, é interessante notar que esse elemento é classificado de forma mista, dado que o nome **agente da passiva** se apresenta como uma classificação sintática e, ao mesmo tempo, semântica. Esse complemento, então, **designa o ser que pratica a ação sofrida (ou recebida) pelo sujeito**.

Para que tenhamos um melhor aproveitamento das ideias trazidas por esse complemento, é interessante que observemos a construção de vozes verbais. Assim, já apresentamos os exemplos para o agente da passiva.

Vozes verbais

As vozes verbais são uma relação entre o sujeito de um determinado verbo e a ação desse verbo. Dizemos, então, que é uma relação semântica entre esses dois elementos tão importantes para a construção de significados dos enunciados. Assim, pressupõem-se dois elementos necessários para que um enunciado tenha voz: **existência do sujeito** (ainda que indeterminado) e **não ser um verbo de ligação** (veremos que a “ação” é essencial a essa classificação. Bora que só bora!

Em português, são encontradas três vozes que serão exemplificadas a seguir.

- **Voz ativa**

É considerada a voz natural da língua portuguesa, pensando que é nela que, inicialmente, seriam construídos os enunciados. Assim, entendemos que essa voz apresenta as seguintes características:

- O sujeito pratica a ação verbal.
- Pode ocorrer com: verbos intransitivos e transitivos (em qualquer uma das três classificações).
- Não é “criada” por pronome.
- Pode apresentar verbo em construção simples ou com locução verbal.



Compramos o material solicitado por mainha.

(Nesse caso, o sujeito pratica a ação de comprar o material solicitado.)

Os alunos assistiram à aula do Bola de Fogo animados.

(O sujeito pratica a ação de assistir às aulas.)

Quebraram as lâmpadas daquela sala sem motivo.

(Ainda que o sujeito seja indeterminado, é quem pratica a ação.)

INDO MAIS
FUNDO!



Os verbos **impessoais**, aqueles que não apresentam sujeito, são considerados verbos “sem voz”, dado que não conseguiremos fazer a correlação entre o sujeito e seu comportamento com relação à ação.

Os **verbos de ligação**, por não representarem uma ação, não são verbos que apresentam voz, dado que não há como relacionar o sujeito e a ação praticada.

Por fim, quando temos **índice de indeterminação do sujeito**, uma partícula “se”, teremos sempre **voz ativa**. Salvo nos casos em que ela aparecer com um verbo de ligação.

- **Voz passiva**

Na voz passiva, temos o sujeito recebendo a ação verbal, ou seja, não é o sujeito o responsável por praticar a ação do verbo, mas, nesse caso, de sofrê-la. É interessante notar que teremos uma possível confusão de classificação. Essa voz apresenta-se com as seguintes características.

- O sujeito recebe a ação verbal.
- Só ocorre com: verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos. Isso se justifica pela necessidade de um elemento sintático que “receba” a ação verbal.
- Apresenta-se em duas formas: **analítica** e **sintética**.



As árvores foram destruídas durante o incêndio.
(Nesse caso, “as árvores” sofrem a ação de ser destruídas.)

Podem-se esperar muitas novidades naquele cursinho top.
(Nesse caso, temos o sujeito “muitas novidades” sofrendo a ação.)

A noção de “sofrer a ação do verbo” é mais clara na forma analítica, como percebemos na primeira frase. Por isso, é interessante transformarmos as formas sintéticas para a analítica para “testar” essa passividade: Muitas novidades podem ser esperadas naquele cursinho top.

1) Voz passiva analítica

Nessa forma da voz passiva, temos as seguintes características:

- É formada por sujeito paciente.
- Apresenta-se com locução verbal, usualmente com verbo “ser” e particípio do verbo principal.
- Pode apresentar “agente da passiva”, o elemento responsável pela ação do verbo (não é sujeito da passiva).
- Aceita a passagem para a voz ativa.

O computador foi consertado pelo técnico.
(Nesse caso, o sujeito “o computador” sofre a ação de ser consertado. “Pelo técnico” é quem pratica a ação e é classificado como “agente da passiva”.)

O livro foi elaborado pelo Bola de Fogo, após muitas pesquisas.
(Nesse caso, o sujeito “o livro” sofre a ação de ser elaborado. “Pelo Bola de Fogo” é quem pratica a ação e é classificado como “agente da passiva”.)

O livro já foi disponibilizado na área do aluno.
(Nesse caso, o sujeito “o livro” sofre a ação de ser disponibilizado. Nesse caso, não temos “agente da passiva”.)





A voz passiva **não apresenta**, nunca, **objeto direto**. Isso se justifica pelo fato de que o objeto direto da voz ativa passa a sujeito da voz passiva, como veremos logo à frente.

O **agente da passiva** só pode aparecer na forma **analítica** da voz passiva, nunca na forma **sintética** dessa voz. Atente-se para isso!

2) Voz passiva sintética

A voz passiva sintética apresenta as seguintes características:

- O sujeito recebe a ação verbal.
- Só ocorre com: verbos transitivos diretos e verbos transitivos diretos e indiretos.
- É chamada, ainda, de voz passiva pronominal, dado que necessita da "bonitinha" Partícula Apassivadora, um pronome "se".
- Apresenta somente o verbo principal (pode ser uma locução verbal, mas não formada pelo verbo "ser").
- Nem sempre aceita uma transposição natural para a analítica.

Vendem-se casas e apartamentos novos na Asa Sul de Brasília.
(Nesse caso, temos "casas e apartamentos novos" como o sujeito do verbo "vender", que está na forma sintética da voz passiva.)

Podem-se apontar problemas estruturais sérios no país.
(Nesse caso, temos "problemas estruturais sérios" como o sujeito do verbo "podem-se encontrar", que está na forma sintética da voz passiva.)

A concordância deve ser obedecida nesse tipo de voz! Atente-se para o sujeito da estrutura.



A transposição para a voz passiva se dá da seguinte forma:

Os alunos apresentaram um trabalho excelente na aula.

Um trabalho excelente foi apresentado pelos alunos na aula.

A transposição para a voz passiva sintética, nesse caso, seria:

Apresentou-se um excelente trabalho na aula.

No processo de transposição apresentado, nota-se que o objeto direto “um trabalho excelente” (na voz ativa – a primeira oração) se torna sujeito da voz passiva, a segunda oração. Isso é justificado pelo fato de que os objetos diretos são entendidos semanticamente como elementos que terminam por sofrer as ações verbais.

Além disso, nota-se que “os alunos”, sujeito da voz ativa, passa a agente da passiva na voz passiva analítica, que apresenta uma locução verbal com o verbo principal “apresentaram”. Como temos modificação do sujeito, notem que há modificação da forma verbal quanto à concordância.

Por fim, notem que a voz passiva sintética não apresentará o agente da passiva, como colocamos no box acima.

3) Voz passiva sintética

A voz reflexiva é como que uma “soma” entre as duas primeiras apresentadas. Entendemos, nela, que o sujeito pratica, em si mesmo, a ação verbal. Observemos as características dessa voz.

- É formada por sujeito reflexivo, que pratica, em si mesmo, a ação verbal.
- Apresenta-se com “pronome reflexivo”.
- Por conta da passividade, só pode ocorrer com os verbos transitivos diretos e transitivos indiretos.



Cortou-se com uma faca cega.

(Nesse caso, ainda que não tenhamos o sujeito expresse – classificado como indeterminado – o pronome não será responsável pela indeterminação, mas pela indicação de que esse sujeito não expresse praticou em si mesmo a ação de se cortar.)

Professor e aluno abraçaram-se efusivamente após a pandemia.

(Nesse caso, o sujeito é composto e entendemos que o professor abraça o aluno enquanto é abraçado por ele. Assim, o sujeito está praticando, em si mesmo, a ação verbal.)

Depois de sair do banho, a menina penteou-se calmamente.

(Nesse caso, nota-se que o sujeito “a menina” pratica, em si mesma, a ação de pentear-se.)

2.2.2 Complemento nominal

Os complementos nominais são termos que integram ou limitam o sentido das formas nominais da oração. **Eles sempre se ligam aos nomes por meio de uma preposição.** Podem complementar o sentido de **substantivos, adjetivos ou advérbios**. No caso dos substantivos, somente os que são classificados como abstratos podem ser complementados por um **complemento nominal**.

Nenhum amor é mais forte do que o amor **à mãe**.
A leitura **do texto** é essencial para a realização da redação.
Minha mãe sempre está cheia **de razão**.
Agiu favoravelmente **a mim**.

Os termos sublinhados são os nomes que apresentam complementação.
Os termos em negrito, por sua vez, apresentam-se como os complementos nominais.

Ao falarmos sobre os **adjuntos adnominais**, faremos a diferenciação entre eles e os complementos nominais, não se preocupem.



2.2.3 Predicativos

Os predicativos são **elementos sintáticos** que apresentam uma qualidade, um estado ou condição com relação ao nome que se ligam. Nesse caso, ao sujeito, quando **predicativos do sujeito**, ou ao objeto, quando **predicativos do objeto**.

Predicativo do sujeito

O predicativo do sujeito é um elemento que se refere ao sujeito e está no predicado. É interessante notar que temos, nesse caso, a posição como determinante para essa classificação e não a classificação como adjunto adnominal, por exemplo.

É interessante notar que temos uma possibilidade de modificação de posição desse predicativo, sendo sempre isolado por vírgulas, quando modificado em sua posição.

Os meninos são **bonitos**.
As flores que compramos estão **frescas e cheirosas**.
Os alunos chegaram **cansados** à última semana de aula.
Apressado, o professor saiu de sua sala de aula.

Os termos em negrito apresentam-se como predicativos do sujeito.

Com relação aos **predicativos do sujeito**, algumas particularidades são importantes.

INDO MAIS
FUNDO!



1) O predicativo do sujeito pode ocorrer com verbos que não sejam de ligação.

Eles entraram **muito ansiosos** na sala do médico.
Eles assistiram **nervosos** ao jogo da seleção brasileira.

2) Ainda que não seja exclusividade dos verbos de ligação, a existência desse tipo de verbo obriga a existência de um predicativo do sujeito.

3) Para determinar, nos verbos que não sejam de ligação, a existência desse tipo de predicativo, aconselhamos o teste de modificação do gênero do sujeito.



O aluno entrou **apressado** na sala do diretor.
(A aluna entrou **apressada** na sala do diretor.)

Como há concordância com o sujeito, o termo se referirá a ele.

Predicativo do objeto

Modificam o objeto **a partir de uma característica atribuída ao objeto, não inerente a ele**. Diferente do que acontece com os **adjuntos adnominais**. Além disso, é comum que ocorra com verbos chamados **psicológicos**, em que há construção de objeto como “opinião” do sujeito. (Não se preocupe, mais uma vez, porque na parte de **adjuntos adnominais** demonstraremos o teste que resolve o caso da diferenciação).

O povo elegeu o candidato **presidente** pela segunda vez.
Com meu atraso, deixei minha mãe **preocupadíssima**.
O juiz considerou o réu **culpado**.
Eu preciso do meu marido **consciente**, doutor.
Gosto muito dos meus alunos **participativos**.

Os termos em negrito apresentam-se como predicativos do objeto.

2.3 Estruturas modificadoras

As estruturas modificadoras são entendidas como aquelas que não são necessárias a partir de uma construção de sintaxe dos termos, mas servem a relações essencialmente semânticas. São as chamadas, ainda por muitos gramáticos, de **termos acessórios**. São eles: **adjunto adnominal**, **adjunto adverbial**, **aposto** e **vocativo**.

Preferimos não chamar essas funções de termos acessórios, porque não concordamos plenamente com a ideia de “retirada sem prejuízo sintático”, somente semântico. Mas isso é papo pra muito tempo.

2.3.1 Adjunto adnominal

O **adjunto adnominal** é a função sintática responsável por modificar um nome. No caso, um substantivo ou um termo que esteja substantivado. Em essência, ele apresenta determinadas características que são implícitas ao nome que modificam e que destacam esse nome de outros. Ou seja, apresentam extremo valor **restritivo**. Por conta disso, entendemos já uma verdade absoluta (e vocês sabem que não gosto disso, mas essa é inevitável): **todos os artigos são adjuntos adnominais**.

Vamos olhar alguns exemplos antes de entrarmos na diferenciação dessa função com relação às demais.



Os cachorros **do prédio** latiram durante a noite.

Os dois termos em destaque são modificadores do substantivo "cachorros". Por isso, serão classificados como adjuntos adnominais.

Os meus dois belos cachorros chamam-se Ad e Zz.

Os termos em negrito, por modificarem cachorros, apresentam-se como adjuntos adnominais.

Ainda que tenhamos a relação nos dois exemplos acima como modificadores do sujeito, os adjuntos adnominais podem modificar qualquer função sintática, desde que essa tenha como núcleo um substantivo ou termo equivalente.

Compramos **um belo** relógio para a sala **de jantar**.

Os termos em negrito, por modificarem relógio, apresentam-se como adjuntos adnominais.

O termo em negrito modifica a palavra "sala", núcleo do adjunto adverbial.

Com relação à morfologia dessa função sintática, temos algumas possibilidades de construção das classes morfológicas. Vejamos uma forma interessante de se lembrar dessas classes:



PRONOMES LOCUÇÃO ADJETIVO NUMERAL ARTIGO

No caso das locuções que aparecem na imagem, referimo-nos às locuções adjetivas.

OBS: Nem todos os pronomes podem assumir a função de adjuntos adnominais. Veja quais são os tipos de pronome passíveis de realizar essa função:

Pronomes	
<i>Demonstrativos</i>	Este, esse, aquele. Ex.: <u>Esse</u> menino é bonito.
<i>Indefinidos</i>	Algum, nenhum, muito, pouco, todo, outro, certo, tanto, quanto, qualquer. Ex.: <u>Alguma</u> vendedora pode me ajudar?
<i>Interrogativos</i>	Que, quem, qual, quanto. Ex.: <u>Qual</u> o livro mais caro?
<i>Possessivos</i>	Meu, teu, seu, nosso, vosso, seu. Ex.: <u>Meu</u> irmão chegou.
<i>Relativos</i>	Cujo As meninas cujos pais vieram à escola são excelentes alunas.

FIQUE
ATENTO!



É muito comum que confundamos os adjuntos adnominais com os complementos nominais, os predicativos do objeto e os predicativos do sujeito. Para dirimir suas dúvidas, trouxemos algumas informações.

1) Adjunto adnominal vs Complemento nominal

Em alguns casos, os substantivos abstratos aceitam a modificação por um adjunto adnominal. Dessa forma, podemos pensar da seguinte maneira:



Se o elemento apresentar valor de posse ou de agente, teremos **adjunto adnominal**. Caso o valor seja de paciente, ou seja, de quem recebe uma ação, temos **complemento nominal**. Vejamos:

A leitura **do livro** foi produtiva.
A leitura **do aluno** foi completa.

No primeiro caso, como o livro sofre a ação de ser lido, temos um **complemento nominal**. No segundo, como o aluno faz a leitura de alguma coisa, com valor de agente, temos um **adjunto adnominal**.

2) Adjunto adnominal vs Predicativo do objeto

Nesse caso, a melhor forma é a pronominalização do objeto. Caso o adjetivo que causa dúvida “desapareça” no pronome, é **adjunto adnominal**. Caso contrário, em que ele se mantenha, é **predicativo do objeto**.

O juiz condenou o réu **mais velho**.
O juiz considerou o réu **culpado**.

(O juiz condenou-o)
(O juiz considerou-o culpado)

3) Adjunto adnominal vs Predicativo do sujeito

Nesse caso, a confusão só é possível quando o predicativo está com sua posição modificada, vindo junto do sujeito. Nesse caso, é interessante notarmos que o predicativo necessitará estar isolado por vírgulas. Não havendo possibilidade de confusão se considerarmos essa característica. Claro que o significado do enunciado será modificado em cada um dos casos.

Os alunos, atentos, assistiam à aula. (Predicativo)
Os alunos atentos assistiam à aula. (Adj. Adnominal)

2.3.2 Adjunto adverbial

Sintaticamente, os **adjuntos adverbiais** são termos que acompanham **verbos**, **adjetivos** ou **advérbios**, acrescentando circunstâncias aos verbos ou intensificando os nomes apresentados. Sua classificação envolve noções sintáticas e semânticas. Essas últimas são noções contextuais, por isso devemos nos atentar ao contexto.



O menino se cortou **com a faca**. (Instrumento)
Inevitavelmente, chegaremos à aprovação. (Certeza)
Não podemos comer **muito hoje**. (Negação/intensidade/tempo)
 Eles chegaram **à escola cedinho**. (Lugar/tempo)

Os termos em negrito apresentam-se como adjuntos adverbiais.

Os únicos termos que podem ser adjuntos adverbiais são **advérbios** e **locuções adverbiais**. Os adjuntos adverbiais também são classificados da mesma maneira (afirmação, condição, dúvida, finalidade etc.) Portanto, **se você se lembrar como identificar e classificar um advérbio, você encontrará as locuções adverbiais facilmente**.

Vamos relembrar os principais tipos de advérbio e locução adverbial, pois são **os mesmos** que os tipos de adjunto adverbial. **Nessa tabela, você encontra os principais conectivos que indicam o tipo de locução adverbial correspondente**. Não se preocupe em decorar tudo. **O importante é que você saiba identificar o significado das expressões nas orações**.

Assim, em “Andava com ele”, “com ele” é adjunto adverbial de companhia, indicado pela relação que “com” estabelece entre “andava” e “ele”. Vamos ver os tipos possíveis:

Afirmação (ex.: Sim, certamente, realmente)	Adjunto adverbial de afirmação
Negação (ex.: Não, tampouco)	Adjunto adverbial de negação
Dúvida (ex.: Talvez, acaso, quiçá, porventura)	Adjunto adverbial de dúvida
Acréscimo (ex.: além de)	Adjunto adverbial de acréscimo
Assunto (ex.: sobre, de, a respeito de)	Adjunto adverbial de assunto
Causa (ex.: com, por, por causa de)	Adjunto adverbial de causa
Companhia (ex.: com, contigo)	Adjunto adverbial de companhia
Concessão (ex.: apesar de)	Adjunto adverbial de concessão
Condição (ex.: sem)	Adjunto adverbial de condição
Conformidade (ex.: conforme, segundo)	Adjunto adverbial de conformidade
Finalidade (ex.: para, a, a fim de, a fim de que)	Adjunto adverbial de finalidade
Frequência (ex.: sempre, todos os dias)	Adjunto adverbial de frequência
Instrumentos (ex.: com a faca, a mão)	Adjunto adverbial de instrumento
Intensidade (ex.: bastante, muito)	Adjunto adverbial de intensidade



Limite (ex.: até, à)	Adjunto adverbial de limite
Lugar (ex.: de Roma, nas ruas, para São Paulo)	Adjunto adverbial de lugar
Matéria (ex.: de aço, de ouro)	Adjunto adverbial de matéria
Meio (ex.: de bicicleta, mediante fraude)	Adjunto adverbial de meio
Modo (ex.: a dedo, à vontade, tranquilamente)	Adjunto adverbial de modo
Tempo (ex.: das 8h às 9h, em junho, à noite)	Adjunto adverbial de tempo

2.3.3 Aposto

O **aposto** é um termo que é acrescentado à oração com o objetivo de **explicar, esclarecer, desenvolver** ou **resumir** algum outro termo. Um aposto pode ser, portanto:

- Explicativo: explica ou esclarece algum termo da oração. Aparece sempre **entre vírgulas, entre parênteses** ou **entre travessões**.
- Comparativo: explica ou esclarece a partir de **comparação com outros elementos**. Aparece sempre **entre vírgulas, entre parênteses** ou **entre travessões**.
- Enumerativo: enumera as partes que **constituem um termo em especial**. Aparece sempre **após dois pontos, entre vírgulas** ou **entre travessões**.
- Recapitulativo (resumidor): **resume diversos termos em um só**, que o recapitula.

Machado de Assis, **maior autor da Literatura**, morreu em 1908. (Explicativo)
 Os olhos, **janelas da alma**, não mentem jamais. (Comparativo)
 Compramos toda a lista de mainha: **pão, café e leite**. (Enumerativo)
 Chuva ou sol, **nada** mudará nossos planos de viagem. (Resumitivo)

Os termos em negrito apresentam-se como apostos.

Não se preocupe em identificar os tipos de aposto pelo nome. Esse conteúdo não é cobrado nas provas. Você deve apenas ser capaz de entender as funções que ele assume.



2.3.4 Vocativo

O **vocativo** é um termo que **interpela o interlocutor diretamente**. Serve para **invocar, chamar ou nomear** alguém, normalmente de maneira enfática. **Vem sempre antes ou entre vírgulas**. Esse termo não se prende a nenhuma função sintática maior, como sujeito e predicado.

Minha filha, venha para casa antes de anoitecer.

Olha a hora, **João**.

Ó Deus, me ouça em meu lamento.

Os termos em negrito apresentam-se como vocativos.





3 Exercícios

1. (FUVEST/2019)

Mito, na acepção aqui empregada, não significa mentira, falsidade ou mistificação. Tomo de empréstimo a formulação de Hans Blumenberg do mito político como um processo contínuo de trabalho de uma narrativa que responde a uma necessidade prática de uma sociedade em determinado período. Narrativa simbólica que é, o mito político coloca em suspenso o problema da verdade. Seu discurso não pretende ter validade factual, mas também não pode ser percebido como mentira (do contrário, não seria mito). O mito político confere um sentido às circunstâncias que envolvem os indivíduos: ao fazê-los ver sua condição presente como parte de uma história em curso, ajuda a compreender e suportar o mundo em que vivem.

ENGELKE, Antonio. O anjo redentor. **Piauí**, ago. 2018, ed. 143, p. 24.

Sobre o sujeito da oração “em que vivem”, é correto afirmar:

- a) Expressa indeterminação, cabendo ao leitor deduzir a quem se refere a ação verbal.
- b) Está oculto e visa evitar a repetição da palavra “circunstâncias”.
- c) É uma função sintática preenchida pelo pronome “que”.
- d) É indeterminado, tendo em vista que não é possível identificar a quem se refere a ação verbal.
- e) Está oculto e seu referente é o mesmo do pronome “os” em “fazê-los”.

2. (FGV/2018)

A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites do trapiche. É uma voz poderosa dentro dele, poderosa como a voz do mar, como a voz do vento, tão poderosa como uma voz sem comparação. Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez:

“Companheiros, chegou a hora...”

A voz o chama. Uma voz que o alegra, que faz bater seu coração. Ajudar a mudar o destino de todos os pobres. Uma voz que atravessa a cidade, que parece vir dos atabaques que ressoam nas macumbas da religião ilegal dos negros. Uma voz que vem com o ruído dos bondes onde vão os condutores e motorneiros grevistas. Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoieiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira, que vem dos golpes que o Querido-de-Deus aplica. Uma voz que vem mesmo do padre José Pedro, padre pobre de olhos espantados diante do destino



terrível dos Capitães da Areia. Uma voz que vem das filhas de santo do candomblé de Don'Aninha, na noite que a polícia levou Ogum. Voz que vem do trapiche dos Capitães da Areia. Que vem do reformatório e do orfanato. Que vem do ódio do Sem-Pernas se atirando do elevador para não se entregar. Que vem no trem da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampião pedindo justiça para os sertanejos. Que vem de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura. Que vem dos quadros de Professor, onde meninos esfarrapados lutam naquela exposição da rua Chile. Que vem de Boa-Vida e dos malandros da cidade, do bojo dos seus violões, dos sambas tristes que eles cantam. Uma voz que vem de todos os pobres, do peito de todos os pobres. Uma voz que diz uma palavra bonita de solidariedade, de amizade: companheiros. Uma voz que convida para a festa da luta.

Jorge Amado, **Capitães da Areia**.

Na frase "Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez", o pronome relativo "que", em relação ao verbo "canta", exerce a função de _____ e, em relação ao verbo "fez", exerce a função de _____.

Essas lacunas dessa frase devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) sujeito; objeto indireto.
- b) sujeito; objeto direto.
- c) objeto direto; sujeito.
- d) objeto direto; objeto indireto.
- e) objeto indireto; objeto direto.

3. (UNESP/2016)

Leia a crônica de Luís Fernando Veríssimo.

A invasão

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada



substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibernética, do virtual e do instantâneo acrescente-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevida à decoração de interiores.

(O Estado de S.Paulo, 31.05.2015.)

Os termos “o uso do papel” e “um manual de instrução” (1º parágrafo) se identificam sintaticamente por exercerem nas respectivas orações a função de

- a) objeto direto.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto indireto.
- d) complemento nominal.
- e) sujeito.

4. (UNESP/2016)

O leão fugido

O leão fugido do circo vinha correndo pela rua quando viu um senhor à sua frente. Aí caminhou pé ante pé, bateu delicadamente nas costas do senhor e disse disfarçando a voz leonina o mais possível: “Cavalheiro, tenha cuidado e muita calma: acabei de ouvir dizer que um macaco fugiu do circo agora mesmo”. O cavalheiro, ouvindo o aviso, voltou-se, viu o leão e morreu de um ataque do coração. O leão então murmurou tristemente: “Não adianta nada. É tal a nossa fama de ferocidade que matamos, mesmo quando queremos agir em favor do próximo”.

Moral: A quem nasce feroz não importa o tom de voz.

(Millôr Fernandes, **Fábulas Fabulosas**)

Observe as passagens do texto:

... um macaco fugiu do circo agora mesmo.

... e morreu de um ataque do coração.

Quanto ao tipo de predicado das orações e à circunstância estabelecida pelas expressões “do circo” e “de um ataque do coração”, é correto afirmar que são, respectivamente:

- a) nominal; de modo e de causa.
- b) verbal; de lugar e de consequência.
- c) nominal; de tempo e de modo.
- d) verbal; de lugar e de causa.



5. (UNESP/2016)

Leia o trecho extraído do livro *A dança do universo* do físico brasileiro Marcelo Gleiser.

Durante o século VI a.C., o comércio entre os vários Estados gregos cresceu em importância, e a riqueza gerada levou a uma melhoria das cidades e das condições de vida. O centro das atividades era em Mileto, uma cidade-Estado situada na parte sul da Jônia, hoje a costa mediterrânea da Turquia. Foi em Mileto que a primeira escola de filosofia pré-socrática floresceu. Sua origem marca o início da grande aventura intelectual que levaria, 2 mil anos depois, ao nascimento da ciência moderna. De acordo com Aristóteles, Tales de Mileto foi o fundador da filosofia ocidental.

A reputação de Tales era legendária. Usando seu conhecimento astronômico e meteorológico (provavelmente herdado dos babilônios), ele previu uma excelente colheita de azeitonas com um ano de antecedência. Sendo um homem prático, conseguiu dinheiro para alugar todas as prensas de azeite de oliva da região e, quando chegou o verão, os produtores de azeite de oliva tiveram que pagar a Tales pelo uso das prensas, que acabou fazendo uma fortuna.

Supostamente, Tales também previu um eclipse solar que ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C., que efetivamente causou o fim da guerra entre os lídios e os persas. Quando lhe perguntaram o que era difícil, Tales respondeu: "Conhecer a si próprio". Quando lhe perguntaram o que era fácil, respondeu: "Dar conselhos". Não é à toa que era considerado um dos Sete Homens Sábios da Grécia Antiga. No entanto, nem sempre ele era prático. Um dia, perdido em especulações abstratas, Tales caiu dentro de um poço. Esse acidente aparentemente feriu os sentimentos de uma jovem escrava que estava em frente ao poço, a qual comentou, de modo sarcástico, que Tales estava tão preocupado com os céus que nem conseguia ver as coisas que estavam a seus pés.

(*A dança do universo*, 2006. Adaptado.)

Em "Tales também previu um eclipse solar **que** ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C." (3º parágrafo), o termo destacado exerce função de

- a) adjunto adnominal.
- b) adjunto adverbial.
- c) sujeito.
- d) objeto indireto.
- e) objeto direto.

6. (IBMEC/2016)



Mãe galinha

Tente uniformizar o design dos aviões sem ouvir os comandantes, os controladores de voo, os engenheiros, o pessoal de terra, os meteorologistas e as aeromoças. As turbinas acabarão no lugar das rodas e as asas sairão do nariz do avião, como bigodes. Foi o que aconteceu à língua portuguesa com o "Acordo" Ortográfico imposto pelo Brasil e, até hoje, não aceito nem assimilado por Portugal.

Há dias, o ministro da Cultura, Juca Ferreira, admitiu que "talvez tenhamos errado no processo de normatização, que teve um caráter tecnicista e não envolveu os criadores de todos os países". Exatamente: esqueceram-se de combinar conosco, que lidamos com a língua nas escolas, nos livros, nos jornais e na publicidade. Sem necessidade, baniram grafias seculares de Portugal, assim como o hífen, o trema e os acentos diferenciais. (...) De que adianta o "acordo" criar uma escrita comum se as pronúncias continuam diferentes, além da particularidade de milhares de conteúdos? No Brasil, uma mãe que se orgulha dos filhos e os protege é uma mãe coruja. Em Portugal, é uma mãe galinha. Vá dizer aos portugueses que eles deveriam mudar isso. (...)

A magia da língua portuguesa é a de que, não importa a variedade de grafias ou pronúncias, ela é sempre compreensível para os que a falam e leem, sejam portugueses, brasileiros ou africanos. "A língua é viva, e temos a vida inteira para aperfeiçoar o Acordo Ortográfico", disse o ministro. Eu não tenho. Por isso, não aderi a ele. Continuo escrevendo língua e, se quiserem, me corrijam.

Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2015/08/1675694-mae-galinha.shtml>.

Acesso em 16/04/2016. (Adaptado)

Em "... para os que a falam", os termos em destaque exercem, respectivamente, a função sintática de

- a) objeto direto em ambas as ocorrências.
- b) objeto direto e sujeito.
- c) adjunto adnominal e sujeito.
- d) sujeito e adjunto adnominal.
- e) sujeito e objeto direto.

7. (INSPER/2015)



O título da chamada alude a um dos termos essenciais da oração: o sujeito. No entanto, para que o sujeito seja classificado como oculto, é necessário que haja certas marcas linguísticas, que podem ser identificadas em

- a) Foram criados novos aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- b) No mercado há diversos aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- c) Surgiram vários aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- d) Desenvolvemos novos aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- e) Cresce a oferta de aplicativos que prometem anonimato dos usuários.

8. (UNESP/2013)

Considere a passagem de um livro de José Ribeiro sobre o folclore nacional.

Curupira

Na teogonia* tupi, o anhangá, gênio andante, espírito andejo ou vagabundo, destinava-se a proteger a caça do campo. Era imaginado, segundo a tradição colhida pelo Dr. Couto de Magalhães, sob a figura de um veado branco, com olhos de fogo.

Todo aquele que perseguisse um animal que estivesse amamentando corria o risco de ver Anhangá e a visão determinava logo a febre e, às vezes, a loucura. O caapora é o mesmo tipo mítico encontrado nas regiões central e meridional e aí representado por um homem enorme coberto de pelos negros por todo o rosto e por todo o corpo, ao qual se confiou a proteção da caça do mato. Tristonho e taciturno, anda sempre montado em um porco de grandes dimensões, dando de quando em vez um grito para impelir a vara. Quem o encontra adquire logo a certeza de ficar infeliz e de ser mal sucedido em tudo que intentar. Dele se originaram as expressões portuguesas caipora e caiporismo, como sinônimo de má sorte, infelicidade, desdita nos negócios. Bilac assim o descreve: “Companheiro do curupira, ou sua duplicata, é o Caapora, ora gigante, ora anão, montado num caititu, e cavalgando à frente de varas de porcos do mato, fumando cachimbo ou cigarro, pedindo fogo aos viajores; à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho”.

Ambos representam um só mito com diferente configuração e a mesma identidade com o curupira e o jurupari, numes que guardam a floresta. Todos convergem mais ou menos para o mesmo fim, sendo que o curupira é representado na região setentrional por um “pequeno tapuio” com os pés voltados para trás e sem os orifícios necessários para as secreções indispensáveis à vida, pelo que a gente do Pará diz que ele é músico. O Curupira ou Currupira, como é chamado no sul, aliás erroneamente, figura em uma infinidade de lendas tanto no norte como no sul do Brasil. No Pará, quando se viaja pelos rios e se ouve alguma pancada longínqua no meio dos bosques, “os romeiros dizem que é o Curupira que está batendo nas sapupemas, a ver se as árvores estão suficientemente fortes para sofrerem a ação de alguma tempestade que está próxima. A função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar



com o caminho de casa, ou meio algum de chegar até os seus”. Como se vê, qualquer desses tipos é a manifestação de um só mito em regiões e circunstâncias diferentes.

(O Brasil no folclore, 1970.)

(*) Teogonia, s.f.: 1. Filos. Doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses, e que frequentemente se relaciona com a formação do mundo. 2. Conjunto de divindades cujo culto forma o sistema religioso dum povo politeísta. (Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI.)

[...] à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho.

Eliminando-se o apostrofo, a frase em destaque apresentará, de acordo com a norma-padrão, a seguinte forma:

- a) à frente voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho.
- b) à frente dele voam os vaga-lumes batedores, alumando o caminho.
- c) à frente dele voam seus batedores, alumando o caminho.
- d) à frente dele voam os vaga-lumes, alumando o caminho.
- e) à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando.

9. (FGV/2013)

Segundo um estudo realizado pelo Banco Mundial, a população acima dos 60 anos é a nova força econômica do País. Os idosos brasileiros estão mais ricos, mais saudáveis e mais poderosos. De acordo com o relatório, o Brasil vive o que os especialistas chamam de “bônus demográfico”, período em que a força de trabalho (pessoas na ativa) será muito maior do que o número de brasileiros que não produzem. Isso se dará como resultado principalmente do envelhecimento da população. Os números do Banco Mundial são impressionantes. Até 2050, as pessoas com mais de 60 anos vão responder por 49% da população economicamente ativa do país. Atualmente, esse percentual é de 11%.

(IstoÉ, 03.10.2012)

Assinale a alternativa em que a expressão destacada, correspondendo ao sujeito da oração, é formada por substantivo seguido de adjetivo.

- a) ... um **estudo realizado**...
- b) ... a **nova força** econômica do País.
- c) Os **idosos brasileiros**...
- d) ... o **número de brasileiros**...
- e) ... do **envelhecimento da população**...



10. (FUVEST/2013)

V – O samba

À direita do terreiro, adumbra-se* na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento. (...)

É aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada corrida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d'armas.

Em torno da fogueira, já esbarrondada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.

Tudo salta, até os crioulinhos que esperneiam no cangote das mães, ou se enrolam nas saias das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro fornido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco. (...)

José de Alencar, **Til**.

(*) "adumbra-se" = delineia-se, esboça-se.

Na composição do texto, foram usados, reiteradamente,

- I. sujeitos pospostos;
- II. termos que intensificam a ideia de movimento;
- III. verbos no presente histórico.

Está correto o que se indica em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

11. (IBMEC/2012)

Ele se encontrava sobre a estreita marquise do 18º andar. Tinha pulado ali a fim de limpar pelo lado externo as vidraças das salas vazias do conjunto 1801/5, a serem ocupadas em breve por uma firma de engenharia. Ele era um empregado recém-contratado da



Panamericana – Serviços Gerais. O fato de haver se sentado à beira da marquise, com as pernas balançando no espaço, se deveria simplesmente a uma pausa para fumar a metade de cigarro que trouxera no bolso. Ele não queria dispensar este prazer, misturando-o com o trabalho.

Quando viu o ajuntamento de pessoas lá embaixo, apontando mais ou menos em sua direção, não lhe passou pela cabeça que pudesse ser ele o centro das atenções. Não estava habituado a ser este centro e olhou para baixo e para cima e até para trás, a janela às suas costas.

Talvez pudesse haver um princípio de incêndio ou algum andaime em perigo ou alguém prestes a pular. Não havia nada identificável à vista e ele, através de operações bastante lógicas, chegou à conclusão de que o único suicida em potencial era ele próprio. Não que já houvesse se cristalizado em sua mente, algum dia, tal desejo, embora como todo mundo, de vez em quando... E digamos que a pouca importância que dava a si próprio não permitia que aflorasse seriamente em seu campo de decisões a possibilidade de um gesto tão grandiloquente. E que o instinto cego de sobrevivência levava uma vantagem de uns quarenta por cento sobre seu instinto de morte, tanto é que ele viera levando a vida até aquele preciso momento sob as mais adversas condições.

(In: MORICONI, Ítalo (org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. R. Janeiro: Objetiva, 2000)

Em "... não **lhe** passou pela cabeça que pudesse ser **ele** o centro das atenções", os pronomes pessoais destacados exercem, respectivamente, a função sintática de

- a) objeto indireto, sujeito.
- b) complemento nominal, objeto direto.
- c) adjunto adnominal, sujeito.
- d) objeto indireto, predicativo do objeto.
- e) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.

12. (INSPER/2012)

Leia a tirinha abaixo.



A tirinha de Jean Galvão faz referência a um assunto muito recorrente nas aulas de Português. A respeito da identificação e classificação do sujeito, conforme prescreve a norma gramatical, é **INCORRETO** afirmar que



- a) no 1.º quadrinho, o “se” empregado nos três períodos escritos na lousa (“Precisa-se de empregados”, “Assiste-se a bons filmes” e “Vende-se casas”) exemplifica a ocorrência de índice de indeterminação do sujeito nos dois primeiros e partícula apassivadora no último.
- b) o período “Vende-se casas”, no 1.º quadrinho, está riscado porque contém um erro de concordância verbal: o verbo transitivo direto “vender” deveria ser flexionado no plural para concordar com o sujeito paciente “casas”.
- c) nas três ocorrências, presentes nos períodos escritos na lousa, o “se” exerce a função sintática de índice de indeterminação do sujeito, e, para estabelecerem a concordância verbal de acordo com a norma culta, os verbos devem permanecer no singular.
- d) no contexto da tira, o adjetivo “indeterminado” pode ser associado a um sentido genérico, não ao critério gramatical, porque apenas qualifica como se sente a personagem (o sujeito), após um dia exaustivo na escola.
- e) se, no último quadrinho, o garoto analisasse sintaticamente a frase proferida pela mãe, conforme a norma gramatical, ele responderia assim: “sujeito simples, quem”.

13. (UNESP/2011)

... para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal ...

(Fedro, Aristóteles)

Neste trecho da tradução da segunda fala de Fedro, observa-se uma frase com estruturas oracionais recorrentes, e por isso plena de termos repetidos, sendo notável, a este respeito, a retomada do demonstrativo o e do pronome relativo **que** em “o que de fato é justo”, “o que parece justo”, “os que decidem”, “o que é bom ou belo”, “o que parece tal”. Em todos esses contextos, o relativo que exerce a mesma função sintática nas orações de que faz parte. Indique-a.

- a) Sujeito.
- b) Predicativo do sujeito.
- c) Adjunto adnominal.
- d) Objeto direto.
- e) Objeto indireto.

14. (FGV/2011)

Eu lia o meu livrinho quando a sucessão de gritos – “ahhh”... “ehhh”... – picotou a noite de domingo. A impressão que tive foi de alguém sendo esfolado no andar de cima. Não fui o único a saltar da poltrona, assustado, tentando descobrir de onde vinha aquela esganiçada voz feminina: no meu prédio e no que fica ao lado, meia dúzia de pescoços se insinuaram na moldura das janelas enquanto o alarido – “ihhh”... “ohhh”... – prosseguia.

(Humberto Werneck. **O espalhador de passarinhos.**)



Observando o emprego do pronome relativo *que*, nas duas ocorrências grifadas no fragmento, é possível afirmar:

- a) na primeira ocorrência, substitui um objeto direto; na segunda, vem no lugar de um sujeito.
- b) em ambos os casos, a relação que estabelece é de simples e objetiva coordenação.
- c) na primeira ocorrência, trata-se do sujeito da ação; na segunda, de um adjunto adverbial.
- d) na primeira ocorrência, há uma relação de posse; na segunda, de referência ao receptor da ação.
- e) em ambos os casos, a palavra não exerce função sintática, mas de simples realce.

15. (IBMEC/2011)

Somos todos comida

Depois da notícia de que, ao fim de prolongado debate jurídico, foi negado por um tribunal o habeas corpus impetrado em favor de um chimpanzé enjaulado em solidão no Zoológico de Niterói, vieram ao conhecimento público outras providências judiciais em nome de animais, pelo Brasil afora. Isso está ficando interessante. Antigamente, era fácil dizer que os animais não tinham direito nenhum, pois não são sujeitos de direito, não são pessoas, não podem acionar o poder judiciário, da mesma forma que não têm deveres, nem podem ser interpelados pela justiça. Direitos e deveres são província exclusiva do ser humano e, embora isso não soe bem, um cachorro, por exemplo, não tem o direito de não ser maltratado. O homem é que tem o direito de estabelecer em lei que maltratar um animal é criminoso e de protestar e intervir, quando a lei for descumprida.

Mas vivemos tempos mais complexos e em transformação quase frenética. As crenças antes estabelecidas e praticamente unânimes hoje mudam o tempo todo, somos intimidados pelas descobertas da física quântica, as certezas se tornam indagações e a eventual sensação de que ninguém sabe nada é inevitável. Já há quem sustente que pelo menos os chamados animais superiores, como o mencionado cachorro, têm consciência e emoções. Os donos de cachorros frequentemente acham que estes pensam, raciocinam e comunicam seus pensamentos, só faltando mesmo falar. Logo, têm direitos e talvez a única coisa que lhes negue a condição de sujeito de direito seja a circunstância de que a linguagem do cachorro ainda não tem tradutores oficializados. Mas talvez passe a ter no futuro e alguém venha a dizer que o Rex está se sentindo prejudicado pelo seu dono e quer constituir advogado, para o que aplicará a impressão de sua pata em uma procuração.

De certa forma, isso já começa a acontecer, como demonstra o caso do habeas corpus do chimpanzé. Seus advogados inferiram que, sem companhia e encarcerado, o chimpanzé é infeliz e consegue comunicar que, sim, gostaria de ser transferido para uma moradia condigna. Considerando a maravilhosa diversidade do ser humano, acho que, a partir



desse precedente, viremos a testemunhar ações movidas não somente por cachorros, gatos, peixes de aquário e outros animais domésticos, mas também, antecipo eu, por bois de corte ou por frangos para abate. Não descarto até mesmo a possibilidade de medidas contra o que certamente se chamará "zoofobia", em cuja ilícita prática serão enquadrados, por exemplo, os que usarem as palavras "galinha", "vaca" ou "cadela" com intenção pejorativa.

A situação deverá evoluir, em futuro talvez não muito distante, para o estabelecimento dos níveis de consciência das espécies e a consequente maior ou menor abrangência de seus direitos. Não é descabido imaginar a promulgação de uma Declaração Universal dos Direitos dos Cães, ou do Estatuto do Gato e assim por diante, cada um deles definindo os critérios aplicáveis a cada espécie. É complicado, porque, por exemplo, o direito de latir, certamente parte indissolúvel da liberdade de expressão canina, pode conflitar com o direito ao silêncio de um vizinho humano, o que requererá imaginação e engenho da parte de legisladores e magistrados.

Questões éticas e morais, filosóficas mesmo, terão que ser encaradas, por mais incômodas que sejam. O morcego, em muitos casos inofensivo, amante das frutas e polinizador de pomares, pode ser discriminado apenas por ter, na opinião da maior parte das pessoas, uma aparência assustadora ou repulsiva? Nos desenhos animados e historietas infantis, serão adotadas cotas para a inclusão de animais normalmente marginalizados, a exemplo de lacraias, lesmas e piolhos? Aliás, é um direito do piolho infestar cabeleiras improdutivas e sugar uma cesta básica de sangue? Estará sujeito à acusação de omissão de socorro aquele que negar a uma futura mamãe mosquito da dengue o direito a uma picadinha que a ajudará a perpetuar sua espécie?

De propósito, deixei para o fim o direito mais básico, o direito à vida. Sem ele, evidentemente, os outros perdem o sentido. Pensando nele, argumentam os que se negam a consumir qualquer produto de origem animal. Nossa comida deveria ser apenas a que se consegue obter sem destruir nenhuma vida, nem mesmo, talvez, a das plantas.

Nós somos os reis da Criação e não podemos agir como predadores.

Nós somos, isso sim, os reis da presunção. Imaginamos que a nossa moral é a moral da natureza, como se a natureza tivesse moral. Na natureza, continua um alegre come-como por tudo quanto é canto, um comendo o outro afanadamente, às vezes até de forma surpreendente, como no caso de um pelicano londrino que vi na internet. Esse pelicano, em seu andar balançado na grama de um parque, viu e fingiu nem notar um pombo a seu lado. Mas, num movimento rapidíssimo, engoliu o pombo, que ficou se agitando dentro daquele papo enorme, sem chance de escapar. Se as pessoas presentes à cena fossem do tamanho de pombos, o pelicano sem dúvida as comeria também, porque é assim a natureza. Nós achamos que somos os grandes comedores, só porque, do nosso ponto de vista, ocupamos o topo da cadeia alimentar. Ocupamos nada. Cada um de nós, mesmo os que não portam parasitas, é hospedeiro de uma infinidade de "ecossistemas", para não falar nos muitos animais que, por exemplo, vivem do sangue de mamíferos, inclusive nosso. Nós somos os favoritos de nós mesmos, não da natureza. Nossos corpos, biodegradáveis como são, para outras espécies não passam de simples comida e, homens, bichos ou plantas, a Terra acabará digerindo todos nós.

(RIBEIRO, João Ubaldo. **O Estado de S.Paulo**, 01/05/2011.)



Em "... vieram ao conhecimento público outras providências judiciais em nome de animais, pelo Brasil afora", o termo "outras providências judiciais" exerce a função sintática de

- a) objeto direto.
- b) sujeito.
- c) objeto indireto.
- d) adjunto adnominal.
- e) predicativo do sujeito.

16. (FGV/2010)

Considere a tira e analise as afirmações.



- I. A resposta esperada pela menina era "a rua".
- II. Na frase de Mafalda, no segundo quadrinho, *Miguelito* é o sujeito da oração.
- III. Em português, o sujeito de uma oração pode ser inexistente, como em "*Choveram reclamações na empresa por causa do apagão na Internet.*"
- IV. A resposta de Miguelito seria compatível com a pergunta: *Ao prefeito cabe que responsabilidade?*

Pela leitura das afirmações, conclui-se que

- a) nenhuma delas está correta.
- b) apenas I e III estão corretas.
- c) apenas II e III estão corretas.
- d) apenas III e IV estão corretas.
- e) todas elas estão corretas.

17. (UNESP/2010)

"Está aberto, no espetáculo de circo, o terreno da utopia."

Na oração, "o terreno da utopia" exerce a função sintática de:

- a) objeto direto.



- b) complemento nominal.
- c) sujeito.
- d) predicativo do sujeito.
- e) predicativo do objeto.

18. (UFTM/2009)

Leia o haicai de Custódio.



(www.custodio.net)

Analise as afirmações.

- I. Nas suas três ocorrências, a palavra *nada* pertence à mesma classe gramatical invariável.
- II. Nas duas ocorrências, a palavra *que* é um pronome relativo, pois, além de ligar orações, retoma termos da oração anterior.
- III. As formas verbais *Sabe* e *deixe* têm o mesmo sujeito gramatical.

É correto afirmar que:

- a) I, II e III são verdadeiras.
- b) apenas I é verdadeira.
- c) apenas II é verdadeira.
- d) apenas III é verdadeira.
- e) I, II e III são falsas.

19. INÉDITA – Celina Gil

Leia o trecho a seguir:

“As técnicas respiratórias orientam justamente esse controle voluntário, exercendo influência em mecanismos involuntários que regulam a respiração e o sistema cardiovascular, podendo modular a interação entre sistema nervoso simpático e parassimpático e, conseqüentemente, o eixo HPHPA.”



O termo destacado assume, na oração em que se encontra, a função sintática de:

- a) objeto direto
- b) adjunto adverbial
- c) adjunto adnominal
- d) sujeito
- e) objeto indireto

Nenhuma linhagem é tão icônica para a Paleontologia quanto a linhagem dos dinossauros. Muitas crianças despertam seu interesse pela ciência desde cedo quando começam a ler sobre estes gigantes (nem todos) da Era Mesozóica. Neste mês, senti um misto de nostalgia e de felicidade ao me deparar com relançamento do famoso álbum do extinto chocolate Surpresa. Em minha infância, colecionando os cards que continham informações dos animais no verso, pude retornar ao tempo pela primeira vez. Nem todos os cards retratavam dinossauros, havia um pterossauro, um lepidossauro, um ictiosauro e até mesmo um sinapsídeo. É comum que o conhecimento popular e a própria divulgação científica nomeiem erroneamente de dinossauros todas estas linhagens distintas. Cabe aos professores de Paleontologia colocar “cada dinossauro no seu galho”. E cabe aos mesmos ensinar sobre uma das mais conhecidas divisões dentro de uma linhagem de organismos. Tradicionalmente, os dinossauros são divididos em dois grupos: os ornitíscios (Ornithischia), que apresentam os ossos pélvicos como na maioria dos répteis, e os sauríscios (Saurischia), que apresentam os ossos da pelve como nas aves, sendo estes últimos divididos em sauríscios saurópodes (Saurischia Sauropodomorpha), herbívoros, e sauríscios terópodes (Saurischia Theropoda), carnívoros.

No entanto, há poucos dias, três pesquisadores da Universidade de Cambridge e do Museu de História Natural de Londres propuseram, em um artigo da revista Nature, uma nova hipótese que fez tremer a árvore filogenética dos dinossauros. Como contam em seu artigo, desde 1887 já são reconhecidas as linhagens Ornithischia e Saurischia. Desde antes de que a própria linhagem Dinosauria fosse proposta, o que aconteceu em 1974, com a junção daquelas duas linhagens. Como se vê, por mais de um século, os paleontólogos consideram os ornitíscios e os sauríscios como representantes de linhagens distintas. Este se tornou um dogma da Paleontologia. Na opinião dos autores do artigo, muitas análises filogenéticas foram feitas ao longo dos anos sem dar a devida atenção a possibilidade de que a clássica divisão da linhagem Dinosauria pudesse estar equivocada. Através de um levantamento muito completo de inúmeros caracteres de dinossauros basais (tanto de sauríscios quanto de ornitíscios) e de representantes dos Dinosauriformes (grupo-irmão dos dinossauros, composto por répteis que quase são dinossauros), os autores propõem uma hipótese nova para as relações de parentesco dentro da linhagem Dinosauria. É a derrocada de um dogma centenário! [...]

Rafael Faria, Dinossauros e Dogmas In: **PaleoMundo**, 11/04/2017. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/paleoblog/2017/04/11/dinossauros-e-dogmas/> Acesso em 02 mai.2019.

20. INÉDITA – Celina Gil



Assinale a alternativa em que o termo destacado possui a mesma função sintática que o da oração abaixo:

“Nenhuma linhagem é tão icônica para a Paleontologia quanto a linhagem dos dinossauros.”

- a) “(...) os autores propõem uma hipótese nova para as relações de parentesco dentro da linhagem Dinosauria.”
- b) “Cabe aos professores de Paleontologia colocar “cada dinossauro no seu galho”.
- c) “Muitas crianças despertam seu interesse pela ciência desde cedo”
- d) “(...) senti um misto de nostalgia e de felicidade”
- e) “uma nova hipótese que fez tremer a árvore filogenética dos dinossauros”

21. (UNESP/2017)

Leia o trecho extraído do artigo “Cosmologia, 100”, de Antonio Augusto Passos Videira e Cássio Leite Vieira.

“Vou conduzir o leitor por uma estrada que eu mesmo percorri, árdua e sinuosa.” A frase – que tem algo da essência do hoje clássico *A estrada não percorrida* (1916), do poeta norte-americano Robert Frost (1874-1963) – está em um artigo científico publicado há cem anos, cujo teor constitui um marco histórico da civilização.

Pela primeira vez, cerca de 50 mil anos depois de o *Homo sapiens* deixar uma mão com tinta estampada em uma pedra, a humanidade era capaz de descrever matematicamente a maior estrutura conhecida: o Universo. A façanha intelectual levava as digitais de Albert Einstein (1879-1955).

Ao terminar aquele artigo de 1917, o físico de origem alemã escreveu a um colega dizendo que o que produzira o habilitaria a ser “internado em um hospício”. Mais tarde, referiu-se ao arcabouço teórico que havia construído como um “castelo alto no ar”.

O Universo que saltou dos cálculos de Einstein tinha três características básicas: era finito, sem fronteiras e estático – o derradeiro traço alimentava debates e traria arrependimento a Einstein nas décadas seguintes.

Em “Considerações Cosmológicas na Teoria da Relatividade Geral”, publicado em fevereiro de 1917 nos *Anais da Academia Real Prussiana de Ciências*, o cientista construiu (de modo muito visual) seu castelo usando as ferramentas que ele havia forjado pouco antes: a teoria da relatividade geral, finalizada em 1915, esquema teórico já classificado como a maior contribuição intelectual de uma só pessoa à cultura humana.

Esse bloco matemático impenetrável (mesmo para físicos) nada mais é do que uma teoria que explica os fenômenos gravitacionais. Por exemplo, por que a Terra gira em torno do Sol ou por que um buraco negro devora avidamente luz e matéria.

Com a introdução da relatividade geral, a teoria da gravitação do físico britânico Isaac Newton (1642-1727) passou a ser um caso específico da primeira, para situações em que massas são bem menores do que as das estrelas e em que a velocidade dos corpos é muito inferior à da luz no vácuo (300 mil km/s).



Entre essas duas obras de respeito (de 1915 e de 1917), impressiona o fato de Einstein ter achado tempo para escrever uma pequena joia, “Teoria da Relatividade Especial e Geral”, na qual populariza suas duas teorias, incluindo a de 1905 (especial), na qual mostrara que, em certas condições, o espaço pode encurtar, e o tempo, dilatar.

Tamanho esforço intelectual e total entrega ao raciocínio cobraram seu pedágio: Einstein adoeceu, com problemas no fígado, icterícia e úlcera. Seguiu debilitado até o final daquela década.

Se deslocados de sua época, Einstein e sua cosmologia podem ser facilmente vistos como um ponto fora da reta. Porém, a historiadora da ciência britânica Patricia Fara lembra que aqueles eram tempos de “cosmologias”, de visões globais sobre temas científicos. Ela cita, por exemplo, a teoria da deriva dos continentes, do geólogo alemão Alfred Wegener (1880-1930), marcada por uma visão cosmológica da Terra.

Fara dá a entender que várias áreas da ciência, naquele início de século, passaram a olhar seus objetos de pesquisa por meio de um prisma mais amplo, buscando dados e hipóteses em outros campos do conhecimento.

(Folha de S.Paulo, 01.01.2017. Adaptado.)

Em “Vou conduzir o leitor por uma estrada **que** eu mesmo percorri, árdua e sinuosa.” (1º parágrafo), o termo destacado exerce a mesma função sintática do trecho destacado em:

- a) “[...] **o derradeiro traço** alimentaria debates e traria arrependimento a Einstein nas décadas seguintes.” (4º parágrafo)
- b) “Ela cita, por exemplo, **a teoria da deriva dos continentes** [...].” (10º parágrafo)
- c) “[...] **o cientista** construiu (de modo muito visual) seu castelo usando as ferramentas que ele havia forjado pouco antes [...].” (5º parágrafo)
- d) “Seguiu debilitado **até o final daquela década**.” (9º parágrafo)
- e) “**Se deslocados de sua época**, Einstein e sua cosmologia podem ser facilmente vistos como um ponto fora da reta.” (10º parágrafo)

22. (INSPER/2015)

Cerco ao Ebola

A epidemia de Ebola que castiga os países africanos Serra Leoa, Guiné e Libéria ganhou contornos ainda mais preocupantes na semana passada. Na sexta-feira 8, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a proliferação do vírus uma emergência de saúde internacional.

(Adaptado: http://www.istoe.com.br/reportagens/376794_CERCO+AO+EBOLA)

Por apresentarem valores semânticos, os conectivos desempenham importante papel na construção dos textos.

Observa-se, por exemplo, que, na reportagem acima, o uso das preposições nas expressões “cerco ao Ebola” e “epidemia de Ebola” estabelece diferentes relações sintáticas. A função das expressões grifadas é, respectivamente,



- a) complemento nominal e adjunto adnominal
- b) adjunto adnominal e predicativo do sujeito
- c) agente da passiva e adjunto adnominal
- d) sujeito e complemento nominal
- e) adjunto adnominal e agente da passiva

23. (FGV/2015)

Redundâncias

Ter medo da morte
é coisa dos vivos
o morto está livre
de tudo o que é vida

Ter apego ao mundo
é coisa dos vivos
para o morto não há
(não houve)
raios rios risos

E ninguém vive a morte
quer morto quer vivo
mera noção que existe
só enquanto existo

(Ferreira Gullar, **Muitas vozes**)

Em relação à oração – é coisa dos vivos –, os enunciados – Ter medo da morte – (1.^a estrofe) e – Ter apego ao mundo – (2.^a estrofe) exercem a função sintática de

- a) sujeito.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto direto.
- d) adjunto adnominal.
- e) complemento nominal.

24. (IME/2015)

“Um romance **cujo** fim é instantâneo ou indolor não é romance.”



“Se hoje eu pudesse falar com aquele menino, diria-**lhe** que a poesia não é nenhum decassílabo de sete cabeças.”

Os pronomes em destaque desempenham, respectivamente, a função de:

- a) adjunto adverbial / objeto indireto.
- b) objeto indireto / objeto direto.
- c) adjunto adnominal / objeto indireto.
- d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
- e) objeto indireto / objeto indireto.

25. (UNESP/2012)

Considere o artigo de Don Tapscott (1947-).

O fim do marketing

A empresa vende ao consumidor – com a web não é mais assim

Com a internet se tornando onipresente, os Quatro Ps do marketing – produto, praça, preço e promoção – não funcionam mais. O paradigma era simples e unidirecional: as empresas vendem aos consumidores. Nós criamos produtos; fixamos preços; definimos os locais onde vendê-los; e fazemos anúncios. Nós controlamos a mensagem. A internet transforma todas essas atividades. (...)

Os produtos agora são customizados em massa, envolvem serviços e são marcados pelo conhecimento e os gostos dos consumidores. Por meio de comunidades online, os consumidores hoje participam do desenvolvimento do produto. Produtos estão se tornando experiências. Estão mortas as velhas concepções industriais na definição e marketing de produtos. (...)

Graças às vendas online e à nova dinâmica do mercado, os preços fixados pelo fornecedor estão sendo cada vez mais desafiados. Hoje questionamos até o conceito de “preço”, à medida que os consumidores ganham acesso a ferramentas que lhes permitem determinar quanto querem pagar. Os consumidores vão oferecer vários preços por um produto, dependendo de condições específicas. Compradores e vendedores trocam mais informações e o preço se torna fluido. Os mercados, e não as empresas, decidem sobre os preços de produtos e serviços. (...)

A empresa moderna compete em dois mundos: um físico (a praça, ou *marketplace*) e um mundo digital de informação (o espaço mercadológico, ou *marketspace*). As empresas não devem preocupar-se com a criação de um web site vistoso, mas sim de uma grande comunidade online e com o capital de relacionamento. Corações, e não olhos, são o que conta. Dentro de uma década, a maioria dos produtos será vendida no espaço mercadológico. Uma nova fronteira de comércio é a *marketface* – a interface entre o *marketplace* e o *marketspace*. (...)

Publicidade, promoção, relações públicas etc. exploram “mensagens” unidirecionais, de um-para-muitos e de tamanho único, dirigidas a consumidores sem rosto e sem poder. As comunidades online perturbam drasticamente esse modelo. Os consumidores com



frequência têm acesso a informações sobre os produtos, e o poder passa para o lado deles. São eles que controlam as regras do mercado, não você. Eles escolhem o meio e a mensagem. Em vez de receber mensagens enviadas por profissionais de relações públicas, eles criam a “opinião pública” online.

Os marqueteiros estão perdendo o controle, e isso é muito bom.

(Don Tapscott. O fim do marketing. **INFO**, São Paulo, Editora Abril, janeiro 2011, p. 22.)

*Nós criamos **produtos**; fixamos **preços**; definimos **os locais** onde vendê-los; e fazemos **anúncios**. Nós controlamos **a mensagem**.*

Nas orações que compõem os dois períodos transcritos, os termos destacados exercem a função de

- a) sujeito.
- b) objeto direto.
- c) objeto indireto.
- d) predicativo do sujeito.
- e) predicativo do objeto.

4 Gabarito

GABARITO



- 1. E
- 2. B
- 3. E
- 4. D
- 5. C
- 6. E
- 7. D
- 8. D
- 9. C

- 10. E
- 11. C
- 12. C
- 13. A
- 14. A
- 15. B
- 16. A
- 17. C
- 18. E

- 19. D
- 20. C
- 21. B
- 22. A
- 23. A
- 24. C
- 25. B



5 Questões Resolvidas e Comentadas

1. (FUVEST/2019)

Mito, na acepção aqui empregada, não significa mentira, falsidade ou mistificação. Tomo de empréstimo a formulação de Hans Blumenberg do mito político como um processo contínuo de trabalho de uma narrativa que responde a uma necessidade prática de uma sociedade em determinado período. Narrativa simbólica que é, o mito político coloca em suspenso o problema da verdade. Seu discurso não pretende ter validade factual, mas também não pode ser percebido como mentira (do contrário, não seria mito). O mito político confere um sentido às circunstâncias que envolvem os indivíduos: ao fazê-los ver sua condição presente como parte de uma história em curso, ajuda a compreender e suportar o mundo em que vivem.

ENGELKE, Antonio. O anjo redentor. **Piauí**, ago. 2018, ed. 143, p. 24.

Sobre o sujeito da oração “em que vivem”, é correto afirmar:

- a) Expressa indeterminação, cabendo ao leitor deduzir a quem se refere a ação verbal.
- b) Está oculto e visa evitar a repetição da palavra “circunstâncias”.
- c) É uma função sintática preenchida pelo pronome “que”.
- d) É indeterminado, tendo em vista que não é possível identificar a quem se refere a ação verbal.
- e) Está oculto e seu referente é o mesmo do pronome “os” em “fazê-los”.

Comentários:

O período em que o termo “em que vivem” aparece é:

“O mito político confere um sentido às circunstâncias que envolvem os indivíduos: ao fazê-los ver sua condição presente como parte de uma história em curso, ajuda a compreender e suportar o mundo **em que vivem**.”

Está implícito nesse termo a palavra a que se refere. Quem vive no mundo? A resposta está na oração que antecede os dois pontos: “indivíduos” (= suportar o mundo em que os indivíduos vivem).

“Os indivíduos” é também referido em “fazê-los”: o pronome “os” em “los” é pronome relativo a “os indivíduos”.

Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há presença do índice de indeterminação.



A alternativa B está incorreta, pois “circunstâncias” não é o referente desse termo, mas sim “os indivíduos”.

A alternativa C está incorreta, pois “em que” se mantém integralmente expresso ainda que se coloque o sujeito textualmente.

A alternativa D está incorreta, pois o sujeito não é indeterminado, apenas está oculto.

Gabarito: E

2. (FGV/2018)

A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites do trapiche. É uma voz poderosa dentro dele, poderosa como a voz do mar, como a voz do vento, tão poderosa como uma voz sem comparação. Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez:

“Companheiros, chegou a hora...”

A voz o chama. Uma voz que o alegra, que faz bater seu coração. Ajudar a mudar o destino de todos os pobres. Uma voz que atravessa a cidade, que parece vir dos atabaques que ressoam nas macumbas da religião ilegal dos negros. Uma voz que vem com o ruído dos bondes onde vão os condutores e motorneiros grevistas. Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoeiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira, que vem dos golpes que o Querido-de-Deus aplica. Uma voz que vem mesmo do padre José Pedro, padre pobre de olhos espantados diante do destino terrível dos Capitães da Areia. Uma voz que vem das filhas de santo do candomblé de Don’Aninha, na noite que a polícia levou Ogum. Voz que vem do trapiche dos Capitães da Areia. Que vem do reformatório e do orfanato. Que vem do ódio do Sem-Pernas se atirando do elevador para não se entregar. Que vem no trem da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampião pedindo justiça para os sertanejos. Que vem de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura. Que vem dos quadros de Professor, onde meninos esfarrapados lutam naquela exposição da rua Chile. Que vem de Boa- Vida e dos malandros da cidade, do bojo dos seus violões, dos sambas tristes que eles cantam. Uma voz que vem de todos os pobres, do peito de todos os pobres. Uma voz que diz uma palavra bonita de solidariedade, de amizade: companheiros. Uma voz que convida para a festa da luta.

Jorge Amado, **Capitães da Areia**.

Na frase “Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez”, o pronome relativo “que”, em relação ao verbo “canta”, exerce a função de _____ e, em relação ao verbo “fez”, exerce a função de _____.



Essas lacunas dessa frase devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) sujeito; objeto indireto.
- b) sujeito; objeto direto.
- c) objeto direto; sujeito.
- d) objeto direto; objeto indireto.
- e) objeto indireto; objeto direto.

Comentários:

Para resolver essa questão, basta tentar compreender a que termo o “que” se refere, podendo substituí-lo sem prejuízo.

Na primeira frase:

“a voz de um negro que canta num saveiro” (que = um negro)

Substituindo-se os termos, teremos: “Um negro canta no saveiro”. Portanto, esse “que” representa o sujeito da oração.

Na segunda frase:

“o samba que Boa-Vida fez” (que = o samba)

Substituindo-se os termos, teremos: “Boa-Vida fez o samba”. Portanto, esse “que” representa objeto direto da oração.

Logo, a alternativa correta é alternativa B.

Gabarito: B

3. (UNESP/2016)

Leia a crônica de Luís Fernando Veríssimo.

A invasão

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o



que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibernética, do virtual e do instantâneo acrescente-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevivência à decoração de interiores.

(O Estado de S.Paulo, 31.05.2015.)

Os termos “o uso do papel” e “um manual de instrução” (1º parágrafo) se identificam sintaticamente por exercerem nas respectivas orações a função de

- a) objeto direto.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto indireto.
- d) complemento nominal.
- e) sujeito.

Comentários:

O período a ser analisado para responder a essa questão é:

“Aumentou **o uso do papel** em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde **um manual de instrução**, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente”

“o uso do papel” = Sujeito da oração principal, que se encontra na ordem indireta. Se escrita na ordem direta, essa oração seria: “O uso de papel aumentou em todo o mundo”.

“um manual de instrução” = Sujeito da oração subordinada, que também se encontra na ordem indireta. Se escrita na ordem direta, essa oração seria: “Um manual de instrução corresponde a cada novidade eletrônica lançada no mercado”.

ATENÇÃO: lembre-se da regência do verbo “corresponder”. Ele demanda preposição e, portanto, seu objeto é indireto. “um manual de instrução” não está precedido de preposição e, portanto, não poderia ser seu complemento.



Gabarito: E

4. (UNESP/2016)

O leão fugido

O leão fugido do circo vinha correndo pela rua quando viu um senhor à sua frente. Aí caminhou pé ante pé, bateu delicadamente nas costas do senhor e disse disfarçando a voz leonina o mais possível: “Cavalheiro, tenha cuidado e muita calma: acabei de ouvir dizer que um macaco fugiu do circo agora mesmo”. O cavalheiro, ouvindo o aviso, voltou-se, viu o leão e morreu de um ataque do coração. O leão então murmurou tristemente: “Não adianta nada. É tal a nossa fama de ferocidade que matamos, mesmo quando queremos agir em favor do próximo”.

Moral: A quem nasce feroz não importa o tom de voz.

(Millôr Fernandes, **Fábulas Fabulosas**)

Observe as passagens do texto:

... um macaco fugiu do circo agora mesmo.

... e morreu de um ataque do coração.

Quanto ao tipo de predicado das orações e à circunstância estabelecida pelas expressões “do circo” e “de um ataque do coração”, é correto afirmar que são, respectivamente:

- a) nominal; de modo e de causa.
- b) verbal; de lugar e de consequência.
- c) nominal; de tempo e de modo.
- d) verbal; de lugar e de causa.

Comentários:

As orações a serem analisadas são:

“um macaco fugiu **do circo** agora mesmo”

Sujeito = um macaco

Predicado = fugiu do circo agora mesmo

Por ser formado por um verbo de ação (fugiu) + **adjuntos adverbiais de lugar (do circo)** e de tempo (agora mesmo), esse predicado é **verbal**.



“morreu **de um ataque do coração**”

Sujeito: oculto (referido na oração anterior, “cavalheiro”)

Predicado: morreu de um ataque do coração

Por ser formado por um verbo de ação (morreu) + **adjunto adverbial de causa (de um ataque do coração)**, esse predicado é **verbal**.

Portanto, a resposta para a pergunta está na alternativa D:

Os predicados são **verbais**, “do circo” tem valor de **lugar** e “de um ataque do coração” tem valor de **causa**.

Gabarito: D

5. (UNESP/2016)

Leia o trecho extraído do livro *A dança do universo* do físico brasileiro Marcelo Gleiser.

Durante o século VI a.C., o comércio entre os vários Estados gregos cresceu em importância, e a riqueza gerada levou a uma melhoria das cidades e das condições de vida. O centro das atividades era em Mileto, uma cidade-Estado situada na parte sul da Jônia, hoje a costa mediterrânea da Turquia. Foi em Mileto que a primeira escola de filosofia pré-socrática floresceu. Sua origem marca o início da grande aventura intelectual que levaria, 2 mil anos depois, ao nascimento da ciência moderna. De acordo com Aristóteles, Tales de Mileto foi o fundador da filosofia ocidental.

A reputação de Tales era legendaria. Usando seu conhecimento astronômico e meteorológico (provavelmente herdado dos babilônios), ele previu uma excelente colheita de azeitonas com um ano de antecedência. Sendo um homem prático, conseguiu dinheiro para alugar todas as prensas de azeite de oliva da região e, quando chegou o verão, os produtores de azeite de oliva tiveram que pagar a Tales pelo uso das prensas, que acabou fazendo uma fortuna.

Supostamente, Tales também previu um eclipse solar que ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C., que efetivamente causou o fim da guerra entre os lídios e os persas. Quando lhe perguntaram o que era difícil, Tales respondeu: “Conhecer a si próprio”. Quando lhe perguntaram o que era fácil, respondeu: “Dar conselhos”. Não é à toa que era considerado um dos Sete Homens Sábios da Grécia Antiga. No entanto, nem sempre ele era prático. Um dia, perdido em especulações abstratas, Tales caiu dentro de um poço. Esse acidente aparentemente feriu os sentimentos de uma jovem escrava que estava em frente ao poço, a qual comentou, de modo sarcástico, que Tales estava tão preocupado com os céus que nem conseguia ver as coisas que estavam a seus pés.



Em “Tales também previu um eclipse solar **que** ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C.” (3º parágrafo), o termo destacado exerce função de

- a) adjunto adnominal.
- b) adjunto adverbial.
- c) sujeito.
- d) objeto indireto.
- e) objeto direto.

Comentários:

Analisando-se o período acima, teremos:

Oração principal: “Tales também previu um eclipse solar”

Oração subordinada: “**que** ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C.”

Analisando-se isoladamente os termos que compõe a oração subordinada:

“que” = conjunção integrante que substitui o termo “um eclipse solar”. Portanto, “que” é **sujeito** da oração subordinada.

“ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C.” = predicado verbal, já que é formado por um verbo de ação (ocorreu) + adjunto adverbial de tempo (no dia 28 de maio) + adjunto adnominal (de 585 a.C.).

Comprovando, é possível reescrever a oração substituindo o “que” pelo termo a que se refere:

Um eclipse solar ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C.

Sujeito: um eclipse solar

Verbo: ocorreu

Adjunto adverbial: no dia 28 de maio (referente a ocorreu)

Adjunto adnominal: de 585 a.C. (referente a maio)

A oração não possui objeto, nem direto nem indireto.

Gabarito: C

6. (IBMEC/2016)

Mãe galinha



Tente uniformizar o design dos aviões sem ouvir os comandantes, os controladores de voo, os engenheiros, o pessoal de terra, os meteorologistas e as aeromoças. As turbinas acabarão no lugar das rodas e as asas sairão do nariz do avião, como bigodes. Foi o que aconteceu à língua portuguesa com o "Acordo" Ortográfico imposto pelo Brasil e, até hoje, não aceito nem assimilado por Portugal.

Há dias, o ministro da Cultura, Juca Ferreira, admitiu que "talvez tenhamos errado no processo de normatização, que teve um caráter tecnicista e não envolveu os criadores de todos os países". Exatamente: esqueceram-se de combinar conosco, que lidamos com a língua nas escolas, nos livros, nos jornais e na publicidade. Sem necessidade, baniram grafias seculares de Portugal, assim como o hífen, o trema e os acentos diferenciais. (...) De que adianta o "acordo" criar uma escrita comum se as pronúncias continuam diferentes, além da particularidade de milhares de conteúdos? No Brasil, uma mãe que se orgulha dos filhos e os protege é uma mãe coruja. Em Portugal, é uma mãe galinha. Vá dizer aos portugueses que eles deveriam mudar isso. (...)

A magia da língua portuguesa é a de que, não importa a variedade de grafias ou pronúncias, ela é sempre compreensível para os que a falam e leem, sejam portugueses, brasileiros ou africanos. "A língua é viva, e temos a vida inteira para aperfeiçoar o Acordo Ortográfico", disse o ministro. Eu não tenho. Por isso, não aderi a ele. Continuo escrevendo linguíça e, se quiserem, me corrijam.

Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2015/08/1675694-mae-galinha.shtml>.
Acesso em 16/04/2016. (Adaptado)

Em "... para os que a falam", os termos em destaque exercem, respectivamente, a função sintática de

- a) objeto direto em ambas as ocorrências.
- b) objeto direto e sujeito.
- c) adjunto adnominal e sujeito.
- d) sujeito e adjunto adnominal.
- e) sujeito e objeto direto.

Comentários:

O período a ser analisado aqui é:



“A magia da língua portuguesa é a de que, não importa a variedade de grafias ou pronúncias, ela é sempre compreensível para os que a falam e leem, sejam portugueses, brasileiros ou africanos.”

Isolando-se a oração com os termos destacados, para melhor analisa-la, temos:

“ela é sempre compreensível para os que a falam”

Oração principal: “ela é sempre compreensível” (a oração com os termos destacados subordina-se a essa)

Oração subordinada: “para os que a falam”

Essa oração é **completiva nominal**, ou seja, complementa o sentido do termo “compreensível”.

“os” é pronome oblíquo. Aqui, denota o conjunto de pessoas que falam o português. Pode ser substituído por um “pessoas”, já que não há referência posterior a quem seriam especificamente esses falantes da língua: “ela é sempre compreensível para pessoas que a falam”.

“que” é pronome relativo. Aqui, se refere ao pronome “os” que o antecede. Reconstruindo-se a oração promovendo essa substituição, teríamos: “pessoas a falam”.

“a” é pronome oblíquo. Aqui, se refere à língua portuguesa, aquela que é falada. Reconstruindo-se a oração promovendo essa substituição, teríamos: “pessoas falam a língua portuguesa”.

Agora que já encontramos os correspondentes a que os termos se referem, podemos fazer a análise sintática mais facilmente:

Em “Pessoas falam a língua portuguesa”

Sujeito: Pessoas

Verbo: falam

Complemento verbal: a língua portuguesa (objeto direto).

Portanto:

que = sujeito

a = objeto direto

Gabarito: E

7. (INSPER/2015)





(Folha de S. Paulo, 07/04/2014)

O título da chamada alude a um dos termos essenciais da oração: o sujeito. No entanto, para que o sujeito seja classificado como oculto, é necessário que haja certas marcas linguísticas, que podem ser identificadas em

- a) Foram criados novos aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- b) No mercado há diversos aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- c) Surgiram vários aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- d) Desenvolvemos novos aplicativos que prometem anonimato dos usuários.
- e) Cresce a oferta de aplicativos que prometem anonimato dos usuários.

Comentários:

Um sujeito oculto pode ser identificado principalmente a partir da flexão verbal, ou seja, a terminação do verbo. Assim, é possível identificar se aquele verbo se refere a algum termo que apareceu anteriormente ou se se refere a algum pronome ligado àquela conjugação.

É justamente essa última característica que sugere o sujeito oculto na alternativa D: “**Desenvolvemos** novos aplicativos que prometem anonimato dos usuários”. “Desenvolvemos”, pela terminação **-mos**, indica que só pode se referir a um termo **nós** que está oculto, já que nenhuma outra pessoa verbal se liga a essa conjugação.

A alternativa A não apresenta sujeito oculto, mas sim indeterminado: não é possível dizer quem criou os aplicativos, uma vez que a forma verbal na terceira pessoa do plural é um índice de indeterminação do sujeito.

A alternativa B não apresenta sujeito oculto, mas sim inexistente: o verbo haver, usado no singular, é índice de inexistência do sujeito.

A alternativa C não apresenta sujeito oculto, mas sim simples: o termo que concorda com o verbo e, portanto, é seu sujeito, é “vários aplicativos”.



A alternativa E não apresenta sujeito oculto, mas sim simples: o termo que concorda com o verbo e, portanto, é seu sujeito, é “a oferta de aplicativos”.

Gabarito: D

8. (UNESP/2013)

Considere a passagem de um livro de José Ribeiro sobre o folclore nacional.

Curupira

Na teogonia* tupi, o anhangá, gênio andante, espírito andejo ou vagabundo, destinava-se a proteger a caça do campo. Era imaginado, segundo a tradição colhida pelo Dr. Couto de Magalhães, sob a figura de um veado branco, com olhos de fogo.

Todo aquele que perseguisse um animal que estivesse amamentando corria o risco de ver Anhangá e a visão determinava logo a febre e, às vezes, a loucura. O caapora é o mesmo tipo mítico encontrado nas regiões central e meridional e aí representado por um homem enorme coberto de pelos negros por todo o rosto e por todo o corpo, ao qual se confiou a proteção da caça do mato. Tristonho e taciturno, anda sempre montado em um porco de grandes dimensões, dando de quando em vez um grito para impelir a vara. Quem o encontra adquire logo a certeza de ficar infeliz e de ser mal sucedido em tudo que intentar. Dele se originaram as expressões portuguesas caipora e caiporismo, como sinônimo de má sorte, infelicidade, desdita nos negócios. Bilac assim o descreve: “Companheiro do curupira, ou sua duplicata, é o Caapora, ora gigante, ora anão, montado num caititu, e cavalgando à frente de varas de porcos do mato, fumando cachimbo ou cigarro, pedindo fogo aos viajores; à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho”.

Ambos representam um só mito com diferente configuração e a mesma identidade com o curupira e o jurupari, numes que guardam a floresta. Todos convergem mais ou menos para o mesmo fim, sendo que o curupira é representado na região setentrional por um “pequeno tapuio” com os pés voltados para trás e sem os orifícios necessários para as secreções indispensáveis à vida, pelo que a gente do Pará diz que ele é músico. O Curupira ou Currupira, como é chamado no sul, aliás erroneamente, figura em uma infinidade de lendas tanto no norte como no sul do Brasil. No Pará, quando se viaja pelos rios e se ouve alguma pancada longínqua no meio dos bosques, “os romeiros dizem que é o Curupira que está batendo nas sapupemas, a ver se as árvores estão suficientemente fortes para sofrerem a ação de alguma tempestade que está próxima. A função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho de casa, ou meio algum de chegar até os seus”. Como se vê, qualquer desses tipos é a manifestação de um só mito em regiões e circunstâncias diferentes.

(O Brasil no folclore, 1970.)



(*) Teogonia, s.f.: 1. Filos. Doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses, e que frequentemente se relaciona com a formação do mundo. 2. Conjunto de divindades cujo culto forma o sistema religioso dum povo politeísta. (Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI.)

[...] à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho.

Eliminando-se o aposto, a frase em destaque apresentará, de acordo com a norma-padrão, a seguinte forma:

- a) à frente voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho.
- b) à frente dele voam os vaga-lumes batedores, alumando o caminho.
- c) à frente dele voam seus batedores, alumando o caminho.
- d) à frente dele voam os vaga-lumes, alumando o caminho.
- e) à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando.

Comentários:

O aposto é um termo explicativo que vem entre vírgulas, após ponto e vírgula ou após dois pontos. O termo que contém uma característica e apresenta essa pontuação é “seus batedores”. Esse é, portanto, o aposto.

A alternativa A está incorreta, pois foi eliminado “dele”, que é o objeto do verbo “voam”.

A alternativa B está incorreta, pois foi eliminado “seus” e a vírgula, não eliminando o aposto em sua integridade e modificando o sentido do termo. Aqui, o adjetivo “batedores” se tornou restritivo, dando a entender que apenas os vaga-lumes batedores voaram.

A alternativa C está incorreta, pois foi eliminado “os vaga-lumes”, que é o sujeito do verbo “voam”.

A alternativa E está incorreta, pois foi eliminado “o caminho”, que é o objeto do verbo “alumando”.

Gabarito: D

9. (FGV/2013)

Segundo um estudo realizado pelo Banco Mundial, a população acima dos 60 anos é a nova força econômica do País. Os idosos brasileiros estão mais ricos, mais saudáveis e mais



poderosos. De acordo com o relatório, o Brasil vive o que os especialistas chamam de “bônus demográfico”, período em que a força de trabalho (pessoas na ativa) será muito maior do que o número de brasileiros que não produzem. Isso se dará como resultado principalmente do envelhecimento da população. Os números do Banco Mundial são impressionantes. Até 2050, as pessoas com mais de 60 anos vão responder por 49% da população economicamente ativa do país. Atualmente, esse percentual é de 11%.

(IstoÉ, 03.10.2012)

Assinale a alternativa em que a expressão destacada, correspondendo ao sujeito da oração, é formada por substantivo seguido de adjetivo.

- a) ... um **estudo realizado**...
- b) ... a **nova força** econômica do País.
- c) Os **idosos brasileiros**...
- d) ... o **número de brasileiros**...
- e) ... do **envelhecimento da população**...

Comentários:

Para responder a essa questão você precisa prestar atenção à palavra **respectivamente**. Isso significa que você precisa encontrar termos que tenham substantivo + adjetivo, nessa ordem em especial. A alternativa que apresenta essa construção é alternativa C, já que **idosos** é um substantivo e **brasileiros** é adjetivo pátrio.

A alternativa A está incorreta, pois apesar de “estudo” ser substantivo, “realizado” é particípio verbal, não adjetivo.

A alternativa B está incorreta, pois a ordem proposta não condiz com o enunciado: o adjetivo aqui vem antes do substantivo.

A alternativa D está incorreta, pois apesar de “número” ser substantivo, “de brasileiros” é locução adjetiva, não adjetivo

A alternativa E está incorreta, pois apesar de “envelhecimento” ser substantivo, “da população” é locução adjetiva, não adjetivo

Gabarito: C

10. (FUVEST/2013)

V – O samba



À direita do terreiro, adumbra-se* na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento. (...)

É aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada corrida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d'armas.

Em torno da fogueira, já esbarrondada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.

Tudo salta, até os crioulinhos que esperneiam no cangote das mães, ou se enrolam nas saias das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro fornido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco. (...)

José de Alencar, **Til**.

(*) "adumbra-se" = delineia-se, esboça-se.

Na composição do texto, foram usados, reiteradamente,

- I. sujeitos pospostos;
- II. termos que intensificam a ideia de movimento;
- III. verbos no presente histórico.

Está correto o que se indica em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

Comentários:



O item I. está correto. Há vários momentos em que as orações foram construídas na ordem indireta:

- adumbra-se na escuridão um maciço de construções (= sujeito)
- recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas (= sujeito) fustigadas pelo vento.
- dançam os pretos (= sujeito) o samba

O item II. está correto. O principal exemplo é a seguinte oração: “Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.”

O item III. está correto. O tempo verbal do texto é o presente histórico. Esse recurso trata de fatos do passado, porém faz uso do tempo presente, de modo a aproximar o leitor do evento narrado.

Gabarito: E

11. (IBMEC/2012)

Ele se encontrava sobre a estreita marquise do 18º andar. Tinha pulado ali a fim de limpar pelo lado externo as vidraças das salas vazias do conjunto 1801/5, a serem ocupadas em breve por uma firma de engenharia. Ele era um empregado recém-contratado da Panamericana – Serviços Gerais. O fato de haver se sentado à beira da marquise, com as pernas balançando no espaço, se deveria simplesmente a uma pausa para fumar a metade de cigarro que trouxera no bolso. Ele não queria dispensar este prazer, misturando-o com o trabalho.

Quando viu o ajuntamento de pessoas lá embaixo, apontando mais ou menos em sua direção, não lhe passou pela cabeça que pudesse ser ele o centro das atenções. Não estava habituado a ser este centro e olhou para baixo e para cima e até para trás, a janela às suas costas.

Talvez pudesse haver um princípio de incêndio ou algum andaime em perigo ou alguém prestes a pular. Não havia nada identificável à vista e ele, através de operações bastante lógicas, chegou à conclusão de que o único suicida em potencial era ele próprio. Não que já houvesse se cristalizado em sua mente, algum dia, tal desejo, embora como todo mundo, de vez em quando... E digamos que a pouca importância que dava a si próprio não permitia que aflorasse seriamente em seu campo de decisões a possibilidade de um gesto tão grandiloquente. E que o instinto cego de sobrevivência levava uma vantagem de uns quarenta por cento sobre seu instinto de morte, tanto é que ele viera levando a vida até aquele preciso momento sob as mais adversas condições.



(In: MORICONI, Ítalo (org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. R. Janeiro: Objetiva, 2000)

Em “... não **lhe** passou pela cabeça que pudesse ser **ele** o centro das atenções”, os pronomes pessoais destacados exercem, respectivamente, a função sintática de

- a) objeto indireto, sujeito.
- b) complemento nominal, objeto direto.
- c) adjunto adnominal, sujeito.
- d) objeto indireto, predicativo do objeto.
- e) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.

Comentários:

Os pronomes pessoais da oração são “lhe” e “ele”. Vamos analisar a oração em que cada um aparece.

“não lhe passou pela cabeça”

Normalmente, o “lhe” tem valor de objeto indireto. Isso ocorre quando o lhe for complemento verbal. Não é o caso aqui. O verbo “Passar”, nesse caso, não vem acompanhado de preposição. Por isso, “lhe” não pode assumir a função de objeto indireto. Nessa oração, o “lhe” tem valor de **adjunto adnominal**, pois está ligado à “cabeça”, caracterizando-a. Se fossemos reescrever a oração com o termo a que o “lhe” se refere, teríamos:

“Não passou pela cabeça **dele**.”

Lhe, portanto, substitui um pronome possessivo, de modo reflexivo.

“que pudesse ser ele o centro das atenções”

Essa oração está na frase indireta. Se a reescrevêssemos na ordem direta, teríamos:

“que **ele** pudesse ser o centro das atenções”

Portanto, nesse caso, **ele** é **sujeito** da oração. Veja toda a análise sintática dessa oração:

Sujeito: ele / Verbo: pudesse ser

Objeto direto: o centro das atenções (onde “das atenções” é adjunto adnominal de centro)

Gabarito: C

12. (INSPER/2012)

Leia a tirinha abaixo.





A tirinha de Jean Galvão faz referência a um assunto muito recorrente nas aulas de Português. A respeito da identificação e classificação do sujeito, conforme prescreve a norma gramatical, é **INCORRETO** afirmar que

- no 1.º quadrinho, o “se” empregado nos três períodos escritos na lousa (“Precisa-se de empregados”, “Assiste-se a bons filmes” e “Vende-se casas”) exemplifica a ocorrência de índice de indeterminação do sujeito nos dois primeiros e partícula apassivadora no último.
- o período “Vende-se casas”, no 1.º quadrinho, está riscado porque contém um erro de concordância verbal: o verbo transitivo direto “vender” deveria ser flexionado no plural para concordar com o sujeito paciente “casas”.
- nas três ocorrências, presentes nos períodos escritos na lousa, o “se” exerce a função sintática de índice de indeterminação do sujeito, e, para estabelecerem a concordância verbal de acordo com a norma culta, os verbos devem permanecer no singular.
- no contexto da tira, o adjetivo “indeterminado” pode ser associado a um sentido genérico, não ao critério gramatical, porque apenas qualifica como se sente a personagem (o sujeito), após um dia exaustivo na escola.
- se, no último quadrinho, o garoto analisasse sintaticamente a frase proferida pela mãe, conforme a norma gramatical, ele responderia assim: “sujeito simples, quem”.

Comentários:

A alternativa que apresenta erro é alternativa C. A melhor maneira de checar se uma oração está na voz passiva ou possui sujeito indeterminado é observar os três pontos que comentamos na aula:

Voz Passiva:

- Concorda com o sujeito;

Sujeito indeterminado:

- Sempre no singular;
- Verbos intransitivos ou transitivos indiretos; e
- Não pode virar voz passiva analítica.



- Verbos transitivos diretos ou transitivos

direto e indiretos; e

- Pode virar voz passiva analítica.

Por isso, “vende-se casas” não é uma oração com sujeito indeterminado. É uma oração na voz passiva que, para que estivesse gramaticalmente correta, deveria ter sido grafada “vendem-se casas”. Perceba que **orações com sujeito indeterminado, por ocorrerem com verbos intransitivos, têm complementos preposicionados**.

A alternativa A está correta. “Precisa-se de empregados” e “Assiste-se a bons filmes”, portanto, são orações de sujeito indeterminado e “vende-se casas” está na voz passiva (ainda que haja erro gramatical nessa redação).

A alternativa B está correta. Para que a terceira frase estivesse grafada corretamente seria necessário que a grafia fosse “Vendem-se casas”.

A alternativa D está correta. O humor da tirinha está no duplo sentido do uso da expressão “sujeito indeterminado”: tanto para a matéria que foi aprendida quanto para o sentimento do menino.

A alternativa E está correta. Na oração “Quem chegou?”, o sujeito é o pronome “quem” e, nesse caso, é sujeito simples.

Gabarito: C

13. (UNESP/2011)

... para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal ...

(Fedro, Aristóteles)

Neste trecho da tradução da segunda fala de Fedro, observa-se uma frase com estruturas oracionais recorrentes, e por isso plena de termos repetidos, sendo notável, a este respeito, a retomada do demonstrativo o e do pronome relativo **que** em “o que de fato é justo”, “o que parece justo”, “os que decidem”, “o que é bom ou belo”, “o que parece tal”. Em todos esses contextos, o relativo que exerce a mesma função sintática nas orações de que faz parte. Indique-a.

a) Sujeito.



- b) Predicativo do sujeito.
- c) Adjunto adnominal.
- d) Objeto direto.
- e) Objeto indireto.

Comentários:

Vamos analisar uma por uma as orações para entender qual a função sintática do “que”:

“o que de fato é justo”

Sujeito: “o que”

Sendo

“que” – núcleo do sujeito; e “o” adjunto adnominal.

Verbo: “é” (verbo de ligação)

Predicativo do Sujeito: “justo”

Adjunto adverbial: “de fato”

Não há complementos verbais nessa oração.

“o que parece justo”

Sujeito: “o que”

Sendo:

“que” – núcleo do sujeito; e “o” adjunto adnominal.

Verbo: “parece” (verbo de ligação)

Predicativo do Sujeito: “justo”

Não há complementos verbais ou adjuntos adverbiais nessa oração.

“os que decidem”

Sujeito: “os que”

Sendo

“que” – núcleo do sujeito; e “os” adjunto adnominal.

Verbo: “decidem” (verbo de ação)

Não há complementos verbais, predicativo do sujeito ou adjuntos adverbiais nessa oração.

“o que é bom ou belo”



Sujeito: "o que"

Sendo

"que" – núcleo do sujeito; e "o" adjunto adnominal.

Verbo: "é" (verbo de ligação)

Predicativo do Sujeito: "bom ou belo"

Não há complementos verbais ou adjuntos adverbiais nessa oração.

"o que parece tal"

Sujeito: "o que"

Sendo

"que" – núcleo do sujeito; e "o" adjunto adnominal.

Verbo: "parece" (verbo de ligação)

Predicativo do Sujeito: "tal"

Não há complementos verbais ou adjuntos adverbiais nessa oração.

Portanto, a função que o **"que"** assume nas orações destacadas é a de **sujeito**.

Gabarito: A

14. (FGV/2011)

Eu lia o meu livrinho quando a sucessão de gritos – "ahhh"... "ehhh"... – picotou a noite de domingo. A impressão que tive foi de alguém sendo esfolado no andar de cima. Não fui o único a saltar da poltrona, assustado, tentando descobrir de onde vinha aquela esganiçada voz feminina: no meu prédio e no que fica ao lado, meia dúzia de pescoços se insinuaram na moldura das janelas enquanto o alarido – "ihhh"... "ohhh"... – prosseguia.

(Humberto Werneck. **O espalhador de passarinhos**.)

Observando o emprego do pronome relativo *que*, nas duas ocorrências grifadas no fragmento, é possível afirmar:

- a) na primeira ocorrência, substitui um objeto direto; na segunda, vem no lugar de um sujeito.
- b) em ambos os casos, a relação que estabelece é de simples e objetiva coordenação.
- c) na primeira ocorrência, trata-se do sujeito da ação; na segunda, de um adjunto adverbial.



- d) na primeira ocorrência, há uma relação de posse; na segunda, de referência ao receptor da ação.
- e) em ambos os casos, a palavra não exerce função sintática, mas de simples realce.

Comentários:

Realizando-se a análise sintática dos dois períodos teremos:

“A impressão que tive”

“que” = retoma o termo “a impressão”. Substituindo-se o “que” pelo termo a que se refere, teremos: “tive a impressão”.

Sujeito: oculto (eu), presumido a partir da flexão do verbo “tive”.

Verbo: tive

Objeto: a impressão (objeto direto)

Portanto, **“que” é objeto direto.**

“no meu prédio e no que fica ao lado”

“que”: retoma o termo “prédio” da oração anterior. Substituindo-se o “que” pelo termo a que se refere, teremos: “o prédio fica ao lado”.

Sujeito: simples (prédio)

Verbo: fica

Adjunto adverbial: ao lado.

Portanto, **“que” é sujeito.**

A alternativa que apresenta informação correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois “que” não é utilizado na construção de frases coordenativas.

A alternativa C está incorreta, pois essas não são as classificações corretas para os termos, como ficou provado na análise acima.

A alternativa D está incorreta, pois essas não são as classificações corretas para os termos, como ficou provado na análise acima.

A alternativa E está incorreta, pois há função sintática em ambos os casos.

Gabarito: A



15. (IBMEC/2011)

Somos todos comida

Depois da notícia de que, ao fim de prolongado debate jurídico, foi negado por um tribunal o habeas corpus impetrado em favor de um chimpanzé enjaulado em solidão no Zoológico de Niterói, vieram ao conhecimento público outras providências judiciais em nome de animais, pelo Brasil afora. Isso está ficando interessante. Antigamente, era fácil dizer que os animais não tinham direito nenhum, pois não são sujeitos de direito, não são pessoas, não podem acionar o poder judiciário, da mesma forma que não têm deveres, nem podem ser interpelados pela justiça. Direitos e deveres são província exclusiva do ser humano e, embora isso não soe bem, um cachorro, por exemplo, não tem o direito de não ser maltratado. O homem é que tem o direito de estabelecer em lei que maltratar um animal é criminoso e de protestar e intervir, quando a lei for descumprida.

Mas vivemos tempos mais complexos e em transformação quase frenética. As crenças antes estabelecidas e praticamente unânimes hoje mudam o tempo todo, somos intimidados pelas descobertas da física quântica, as certezas se tornam indagações e a eventual sensação de que ninguém sabe nada é inevitável. Já há quem sustente que pelo menos os chamados animais superiores, como o mencionado cachorro, têm consciência e emoções. Os donos de cachorros frequentemente acham que estes pensam, raciocinam e comunicam seus pensamentos, só faltando mesmo falar. Logo, têm direitos e talvez a única coisa que lhes negue a condição de sujeito de direito seja a circunstância de que a linguagem do cachorro ainda não tem tradutores oficializados. Mas talvez passe a ter no futuro e alguém venha a dizer que o Rex está se sentindo prejudicado pelo seu dono e quer constituir advogado, para o que aplicará a impressão de sua pata em uma procuração.

De certa forma, isso já começa a acontecer, como demonstra o caso do habeas corpus do chimpanzé. Seus advogados inferiram que, sem companhia e encarcerado, o chimpanzé é infeliz e consegue comunicar que, sim, gostaria de ser transferido para uma moradia condigna. Considerando a maravilhosa diversidade do ser humano, acho que, a partir desse precedente, viremos a testemunhar ações movidas não somente por cachorros, gatos, peixes de aquário e outros animais domésticos, mas também, antecipo eu, por bois de corte ou por frangos para abate. Não descarto até mesmo a possibilidade de medidas contra o que certamente se chamará "zoofobia", em cuja ilícita prática serão enquadrados, por exemplo, os que usarem as palavras "galinha", "vaca" ou "cadela" com intenção pejorativa.

A situação deverá evoluir, em futuro talvez não muito distante, para o estabelecimento dos níveis de consciência das espécies e a consequente maior ou menor abrangência de seus direitos. Não é descabido imaginar a promulgação de uma Declaração Universal dos Direitos dos Cães, ou do Estatuto do Gato e assim por diante, cada um deles definindo os critérios aplicáveis a cada espécie. É complicado, porque, por exemplo, o direito de latir, certamente



parte indissolúvel da liberdade de expressão canina, pode conflitar com o direito ao silêncio de um vizinho humano, o que requererá imaginação e engenho da parte de legisladores e magistrados.

Questões éticas e morais, filosóficas mesmo, terão que ser encaradas, por mais incômodas que sejam. O morcego, em muitos casos inofensivo, amante das frutas e polinizador de pomares, pode ser discriminado apenas por ter, na opinião da maior parte das pessoas, uma aparência assustadora ou repulsiva? Nos desenhos animados e historietas infantis, serão adotadas cotas para a inclusão de animais normalmente marginalizados, a exemplo de lacraias, lesmas e piolhos? Aliás, é um direito do piolho infestar cabeleiras improdutivas e sugar uma cesta básica de sangue? Estará sujeito à acusação de omissão de socorro aquele que negar a uma futura mamãe mosquito da dengue o direito a uma picadinha que a ajudará a perpetuar sua espécie?

De propósito, deixei para o fim o direito mais básico, o direito à vida. Sem ele, evidentemente, os outros perdem o sentido. Pensando nele, argumentam os que se negam a consumir qualquer produto de origem animal. Nossa comida deveria ser apenas a que se consegue obter sem destruir nenhuma vida, nem mesmo, talvez, a das plantas.

Nós somos os reis da Criação e não podemos agir como predadores.

Nós somos, isso sim, os reis da presunção. Imaginamos que a nossa moral é a moral da natureza, como se a natureza tivesse moral. Na natureza, continua um alegre come-come por tudo quanto é canto, um comendo o outro afanadamente, às vezes até de forma surpreendente, como no caso de um pelicano londrino que vi na internet. Esse pelicano, em seu andar balançado na grama de um parque, viu e fingiu nem notar um pombo a seu lado. Mas, num movimento rapidíssimo, engoliu o pombo, que ficou se agitando dentro daquele papo enorme, sem chance de escapar. Se as pessoas presentes à cena fossem do tamanho de pombos, o pelicano sem dúvida as comeria também, porque é assim a natureza. Nós achamos que somos os grandes comedores, só porque, do nosso ponto de vista, ocupamos o topo da cadeia alimentar. Ocupamos nada. Cada um de nós, mesmo os que não portam parasitas, é hospedeiro de uma infinidade de "ecossistemas", para não falar nos muitos animais que, por exemplo, vivem do sangue de mamíferos, inclusive nosso. Nós somos os favoritos de nós mesmos, não da natureza. Nossos corpos, biodegradáveis como são, para outras espécies não passam de simples comida e, homens, bichos ou plantas, a Terra acabará digerindo todos nós.

(RIBEIRO, João Ubaldo. **O Estado de S.Paulo**, 01/05/2011.)

Em "... vieram ao conhecimento público outras providências judiciais em nome de animais, pelo Brasil afora", o termo "outras providências judiciais" exerce a função sintática de



- a) objeto direto.
- b) sujeito.
- c) objeto indireto.
- d) adjunto adnominal.
- e) predicativo do sujeito.

Comentários:

Vamos realizar a análise sintática da oração:

“... vieram ao conhecimento público outras providências judiciais em nome de animais, pelo Brasil afora”

Essa oração está na ordem indireta – já que se inicia com o verbo. Caso estivesse na ordem direta, ficaria:

“Pelo Brasil afora, outras providências judiciais em nome de animais vieram ao conhecimento do público”

Analisando essa oração sintaticamente:

Sujeito: outras providências judiciais em nome de animais

Sendo

“em nome dos animais” adjunto adnominal

Verbo: “vieram” (verbo de ação)

Objeto: “ao conhecimento do público” (objeto indireto)

Adjunto adverbial: “Pelo Brasil afora”

Portanto, o termo “outras providências judiciais” exerce a função sintática de **sujeito**.

Gabarito: B



16. (FGV/2010)

Considere a tira e analise as afirmações.



- I. A resposta esperada pela menina era "a rua".
- II. Na frase de Mafalda, no segundo quadrinho, *Miguelito* é o sujeito da oração.
- III. Em português, o sujeito de uma oração pode ser inexistente, como em "*Choveram reclamações na empresa por causa do apagão na Internet.*"
- IV. A resposta de Miguelito seria compatível com a pergunta: *Ao prefeito cabe que responsabilidade?*

Pela leitura das afirmações, conclui-se que

- a) nenhuma delas está correta.
- b) apenas I e III estão corretas.
- c) apenas II e III estão corretas.
- d) apenas III e IV estão corretas.
- e) todas elas estão corretas.

Comentários:

O item I. está incorreto. Na oração "Esse lixo enfeia a rua", o sujeito é "esse lixo". "a rua" é objeto direto.

O item II. está incorreto. "Miguelito" é vocativo, não sujeito da oração.

O item III. está incorreto. Em "Choveram reclamações na empresa por causa do apagão na Internet." Há um uso metafórico de um verbo meteorológico. Nesse caso, o sujeito é "reclamações".



O item IV. está incorreto. A pergunta que combinaria com a pergunta de Miguelito seria algo como “Quem é o responsável pelo lixo na rua?”

Gabarito: A

17. (UNESP/2010)

“Está aberto, no espetáculo de circo, o terreno da utopia.”

Na oração, “o terreno da utopia” exerce a função sintática de:

- a) objeto direto.
- b) complemento nominal.
- c) sujeito.
- d) predicativo do sujeito.
- e) predicativo do objeto.

Comentários:

Essa oração está na ordem indireta. Se estivesse na ordem direta, essa oração seria:

“O terreno da utopia está aberto no espetáculo do circo”

Realizando a análise sintática dessa oração, teremos:

Sujeito: “O terreno da utopia”

Verbo: “está aberto”

Adjunto adverbial: “no espetáculo do circo”

Portanto, a alternativa que expressa corretamente a função sintática de “o terreno da utopia” é alternativa C.

Gabarito: C



18. (UFTM/2009)

Leia o haicai de Custódio.



(www.custodio.net)

Analise as afirmações.

- I. Nas suas três ocorrências, a palavra *nada* pertence à mesma classe gramatical invariável.
- II. Nas duas ocorrências, a palavra *que* é um pronome relativo, pois, além de ligar orações, retoma termos da oração anterior.
- III. As formas verbais *Sabe* e *deixe* têm o mesmo sujeito gramatical.

É correto afirmar que:

- a) I, II e III são verdadeiras.
- b) apenas I é verdadeira.
- c) apenas II é verdadeira.
- d) apenas III é verdadeira.
- e) I, II e III são falsas.

Comentários:

A afirmação I. está incorreta. No primeiro período, o termo “nada” possivelmente se refere à flexão do verbo “nadar.

A afirmação II. está incorreta. Na oração “Sabe que nada há”, “que” é conjunção integrante, antecedendo oração subordinada substantiva objetiva direta.

A afirmação III. está incorreta. Realizando-se a análise sintática desse período, teremos:



“Sabe que nada há”

Sujeito de “sabe”: Peixe (informação implícita referida na oração anterior)

“que sem nada o deixe”

“que”: pronome relativo. Refere-se à expressão “nada” na oração anterior.

“deixe”: verbo

“o”: pronome que substitui a ideia de “ele” ou “o peixe”

Reescrevendo a oração na ordem direta e substituindo os pronomes, teremos:

“Nada deixa o peixe sem nada”

Portanto, o sujeito de “deixe”, aqui, é “nada”.

Gabarito: E

19. INÉDITA – Celina Gil

Leia o trecho a seguir:

“As técnicas respiratórias orientam justamente esse controle voluntário, exercendo influência em mecanismos involuntários que regulam a respiração e o sistema cardiovascular, podendo modular a interação entre sistema nervoso simpático e parassimpático e, conseqüentemente, o eixo HPHPA.”

O termo destacado assume, na oração em que se encontra, a função sintática de:

- a) objeto direto
- b) adjunto adverbial
- c) adjunto adnominal
- d) sujeito
- e) objeto indireto

Comentários:

Realizando-se a análise sintática dessa oração, teremos:

“que regulam a respiração e o sistema cardiovascular”

“que”: pronome relativo. Refere-se à expressão “mecanismos involuntários” na oração anterior.



“regulam”: verbo

“a respiração e o sistema cardiovascular”: objeto direto de “regulam

Reescrevendo a oração substituindo os pronomes, teremos:

“Os mecanismos involuntários regulam a respiração e o sistema cardiovascular”

Portanto, o sujeito de “regulam”, aqui, é o termo “que”.

Gabarito: D

Nenhuma linhagem é tão icônica para a Paleontologia quanto a linhagem dos dinossauros. Muitas crianças despertam seu interesse pela ciência desde cedo quando começam a ler sobre estes gigantes (nem todos) da Era Mesozóica. Neste mês, senti um misto de nostalgia e de felicidade ao me deparar com relançamento do famoso álbum do extinto chocolate Surpresa. Em minha infância, colecionando os cards que continham informações dos animais no verso, pude retornar ao tempo pela primeira vez. Nem todos os cards retratavam dinossauros, havia um pterossauro, um lepidossauro, um ictiossauro e até mesmo um sinapsídeo. É comum que o conhecimento popular e a própria divulgação científica nomeiem erroneamente de dinossauros todas estas linhagens distintas. Cabe aos professores de Paleontologia colocar “cada dinossauro no seu galho”. E cabe aos mesmos ensinar sobre uma das mais conhecidas divisões dentro de uma linhagem de organismos. Tradicionalmente, os dinossauros são divididos em dois grupos: os ornitíscios (Ornithischia), que apresentam os ossos pélvicos como na maioria dos répteis, e os sauríscios (Saurischia), que apresentam os ossos da pelve como nas aves, sendo estes últimos divididos em sauríscios saurópodes (Saurischia Sauropodomorpha), herbívoros, e sauríscios terópodes (Saurischia Theropoda), carnívoros.

No entanto, há poucos dias, três pesquisadores da Universidade de Cambridge e do Museu de História Natural de Londres propuseram, em um artigo da revista Nature, uma nova hipótese que fez tremer a árvore filogenética dos dinossauros. Como contam em seu artigo, desde 1887 já são reconhecidas as linhagens Ornithischia e Saurischia. Desde antes de que a própria linhagem Dinosauria fosse proposta, o que aconteceu em 1974, com a junção daquelas duas linhagens. Como se vê, por mais de um século, os paleontólogos consideram os ornitíscios e os sauríscios como representantes de linhagens distintas. Este se tornou um dogma da Paleontologia. Na opinião dos autores do artigo, muitas análises filogenéticas foram feitas ao longo dos anos sem dar a devida atenção a possibilidade de que a clássica divisão da linhagem Dinosauria pudesse estar equivocada. Através de um levantamento muito completo de inúmeros caracteres de dinossauros basais (tanto de sauríscios quanto de ornitíscios) e de representantes dos Dinosauriformes (grupo-irmão dos dinossauros, composto por répteis que quase são dinossauros), os autores propõem uma hipótese nova para



as relações de parentesco dentro da linhagem Dinosauria. É a derrocada de um dogma centenário! [...]

Rafael Faria, Dinossauros e Dogmas In: **PaleoMundo**, 11/04/2017. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/paleoblog/2017/04/11/dinossauros-e-dogmas/>> Acesso em 02 mai.2019.

20. INÉDITA – Celina Gil

Assinale a alternativa em que o termo destacado possui a mesma função sintática que o da oração abaixo:

“Nenhuma linhagem é tão icônica para a Paleontologia quanto a linhagem dos dinossauros.”

- a) “(...) os autores propõem uma hipótese nova para as relações de parentesco dentro da linhagem Dinosauria.”
- b) “Cabe aos professores de Paleontologia colocar “cada dinossauro no seu galho”.
- c) “Muitas crianças despertam seu interesse pela ciência desde cedo”
- d) “(...) senti um misto de nostalgia e de felicidade”
- e) “uma nova hipótese que fez tremer a árvore filogenética dos dinossauros”

Comentários:

Antes de mais nada, vamos analisar o período do enunciado:

Nenhuma linhagem é tão icônica para a Paleontologia quanto a linhagem dos dinossauros.

Sujeito: “Nenhuma linhagem”

Verbo: “é”

Predicativo do sujeito: “tão icônica para a Paleontologia quanto a linhagem dos dinossauros.”

Sendo: - “tão ... quanto”: conjunção de valor proporcional

- “icônica”: núcleo do objeto

- “para a Paleontologia: adjunto adnominal de “icônica”

- “a linhagem”: núcleo do objeto

- “dos dinossauros”: adjunto adnominal de “a linhagem”.

Portanto, deve-se encontrar a única alternativa **que não contenha adjunto adnominal** em destaque.



Lembre-se do nosso quadro de como diferenciar adjunto adnominal de complemento nominal:

Amor ao próximo = O ato de amar ao próximo

“próximo” **recebe a ação** de amar, **portanto é complemento nominal**.

As construções de Roma ≠ O ato de construir Roma.

Não há nenhuma ação implícita nessa expressão. Isso significa que ela é um **adjunto adnominal**.

Alternativa A: “os autores propõem uma hipótese nova para as relações de parentesco dentro da linhagem Dinossauria.”

Sujeito: “os autores”

Verbo: “propõem”

Objeto: “uma hipótese nova para as relações de parentesco dentro da linhagem Dinossauria.”

Sendo: - “de parentesco”: adjunto adnominal de “relações”

Alternativa B: “Cabe aos professores de Paleontologia colocar “cada dinossauro no seu galho”

Sujeito: “colocar “cada dinossauro no seu galho”” (oração com valor de sujeito: **isso** cabe aos professores de Paleontologia)

Verbo: “cabe”

Objeto: “aos professores de Paleontologia”

Sendo: - “professores”: núcleo do objeto

- “de Paleontologia”: adjunto adnominal de “professores”

Alternativa C: “Muitas crianças despertam seu interesse pela ciência desde cedo”

Sujeito: “Muitas crianças”

Verbo: “despertam”

Objeto: “seu interesse pela ciência desde cedo”

Sendo: - “interesse”: núcleo do objeto

- “pela ciência”: complemento nominal de “interesse”, **pois há ação implícita nessa expressão: o ato de interessar-se pela ciência.**



- “desde cedo”: adjunto adverbial de “despertam”.

Alternativa D: “(...) senti um misto de nostalgia e de felicidade”

Sujeito: oculto “eu”, presumido pela flexão verbal

Verbo: “senti”

Objeto: “um misto de nostalgia e de felicidade”

Sendo: - “misto”: núcleo do objeto

- “de nostalgia”: adjunto adnominal de “misto”

- “de felicidade”: adjunto adnominal de “misto”

Alternativa E: “uma nova hipótese que fez tremer a árvore filogenética dos dinossauros”

Sujeito: “três pesquisadores da Universidade de Cambridge e do Museu de História Natural de Londres” (ver no texto o restante da oração)

Verbo: “propuseram” (ver no texto o restante da oração)

Objeto: “uma nova hipótese que fez tremer a árvore filogenética dos dinossauros”

Sendo: - “dos dinossauros”: adjunto adnominal de “árvore filogenética”

Portanto, a única alternativa que não apresenta adjunto adnominal é alternativa C.

Gabarito: C

21. (UNESP/2017)

Leia o trecho extraído do artigo “Cosmologia, 100”, de Antonio Augusto Passos Videira e Cássio Leite Vieira.

“Vou conduzir o leitor por uma estrada que eu mesmo percorri, árdua e sinuosa.” A frase – que tem algo da essência do hoje clássico *A estrada não percorrida* (1916), do poeta norte-americano Robert Frost (1874-1963) – está em um artigo científico publicado há cem anos, cujo teor constitui um marco histórico da civilização.

Pela primeira vez, cerca de 50 mil anos depois de o *Homo sapiens* deixar uma mão com tinta estampada em uma pedra, a humanidade era capaz de descrever matematicamente a maior estrutura conhecida: o Universo. A façanha intelectual levava as digitais de Albert Einstein (1879-1955).



Ao terminar aquele artigo de 1917, o físico de origem alemã escreveu a um colega dizendo que o que produzira o habilitaria a ser “internado em um hospício”. Mais tarde, referiu-se ao arcabouço teórico que havia construído como um “castelo alto no ar”.

O Universo que saltou dos cálculos de Einstein tinha três características básicas: era finito, sem fronteiras e estático – o derradeiro traço alimentaria debates e traria arrependimento a Einstein nas décadas seguintes.

Em “Considerações Cosmológicas na Teoria da Relatividade Geral”, publicado em fevereiro de 1917 nos *Anais da Academia Real Prussiana de Ciências*, o cientista construiu (de modo muito visual) seu castelo usando as ferramentas que ele havia forjado pouco antes: a teoria da relatividade geral, finalizada em 1915, esquema teórico já classificado como a maior contribuição intelectual de uma só pessoa à cultura humana.

Esse bloco matemático impenetrável (mesmo para físicos) nada mais é do que uma teoria que explica os fenômenos gravitacionais. Por exemplo, por que a Terra gira em torno do Sol ou por que um buraco negro devora avidamente luz e matéria.

Com a introdução da relatividade geral, a teoria da gravitação do físico britânico Isaac Newton (1642-1727) passou a ser um caso específico da primeira, para situações em que massas são bem menores do que as das estrelas e em que a velocidade dos corpos é muito inferior à da luz no vácuo (300 mil km/s).

Entre essas duas obras de respeito (de 1915 e de 1917), impressiona o fato de Einstein ter achado tempo para escrever uma pequena joia, “Teoria da Relatividade Especial e Geral”, na qual populariza suas duas teorias, incluindo a de 1905 (especial), na qual mostrara que, em certas condições, o espaço pode encurtar, e o tempo, dilatar.

Tamanho esforço intelectual e total entrega ao raciocínio cobraram seu pedágio: Einstein adoeceu, com problemas no fígado, icterícia e úlcera. Seguiu debilitado até o final daquela década.

Se deslocados de sua época, Einstein e sua cosmologia podem ser facilmente vistos como um ponto fora da reta. Porém, a historiadora da ciência britânica Patricia Fara lembra que aqueles eram tempos de “cosmologias”, de visões globais sobre temas científicos. Ela cita, por exemplo, a teoria da deriva dos continentes, do geólogo alemão Alfred Wegener (1880-1930), marcada por uma visão cosmológica da Terra.

Fara dá a entender que várias áreas da ciência, naquele início de século, passaram a olhar seus objetos de pesquisa por meio de um prisma mais amplo, buscando dados e hipóteses em outros campos do conhecimento.

(Folha de S.Paulo, 01.01.2017. Adaptado.)



Em “Vou conduzir o leitor por uma estrada **que** eu mesmo percorri, árdua e sinuosa.” (1º parágrafo), o termo destacado exerce a mesma função sintática do trecho destacado em:

- a) “[...] **o derradeiro traço** alimentaria debates e traria arrependimento a Einstein nas décadas seguintes.” (4º parágrafo)
- b) “Ela cita, por exemplo, **a teoria da deriva dos continentes** [...].” (10º parágrafo)
- c) “[...] **o cientista** construiu (de modo muito visual) seu castelo usando as ferramentas que ele havia forjado pouco antes [...].” (5º parágrafo)
- d) “Seguiu debilitado **até o final daquela década**.” (9º parágrafo)
- e) “**Se deslocados de sua época**, Einstein e sua cosmologia podem ser facilmente vistos como um ponto fora da reta.” (10º parágrafo)

Comentários:

Analisando-se o período acima, teremos duas orações:

“Vou conduzir o leitor por uma estrada”

“**que** eu mesmo percorri, árdua e sinuosa.”

Analisando-se isoladamente os termos que compõe a oração com o pronome “que”:

“que” = conjunção integrante que substitui o termo “estrada”. Portanto, “que” é **objeto direto** dessa oração.

Comprovando, é possível reescrever a oração substituindo o “que” pelo termo a que se refere:

Eu mesmo percorri uma estrada árdua e sinuosa.

Sujeito: Eu mesmo

Verbo: percorri

Objeto direto: uma estrada árdua e sinuosa.

A alternativa que apresenta um objeto direto destacado é a **alternativa B**:

“Ela cita, por exemplo, **a teoria da deriva dos continentes** [...].”

Sujeito: Ele

Verbo: cita

Objeto direto: a teoria da deriva dos continentes



A alternativa A está incorreta, pois “o derradeiro traço” é o sujeito da oração, já que é o termo com o qual o verbo “alimentaria” concorda.

A alternativa C está incorreta, pois “o cientista” é o sujeito da oração, já que é o termo com o qual o verbo “construiu” concorda.

A alternativa D está incorreta, pois “até o final daquela década” é advérbio de tempo, descrevendo até quando o sujeito “seguiu debilitado”.

A alternativa E está incorreta, pois “Se deslocados de sua época” é uma oração adverbial de condição. Não se preocupe com esse conceito nesse momento. Ele será vista na aula de coordenação e subordinação de orações.

Gabarito: B

22. (INSPER/2015)

Cerco ao Ebola

A epidemia de Ebola que castiga os países africanos Serra Leoa, Guiné e Libéria ganhou contornos ainda mais preocupantes na semana passada. Na sexta-feira 8, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a proliferação do vírus uma emergência de saúde internacional.

(Adaptado: http://www.istoe.com.br/reportagens/376794_CERCO+AO+EBOLA)

Por apresentarem valores semânticos, os conectivos desempenham importante papel na construção dos textos.

Observa-se, por exemplo, que, na reportagem acima, o uso das preposições nas expressões “cerco ao Ebola” e “epidemia de Ebola” estabelece diferentes relações sintáticas. A função das expressões grifadas é, respectivamente,

- a) complemento nominal e adjunto adnominal
- b) adjunto adnominal e predicativo do sujeito
- c) agente da passiva e adjunto adnominal
- d) sujeito e complemento nominal
- e) adjunto adnominal e agente da passiva

Comentários:

“cerco” e “epidemia” são ambos substantivos abstratos, portanto, “ao Ebola” e “epidemia” só podem ser complemento nominal ou adjunto adnominal.



Na expressão “Cerco ao Ebola” há uma ação inerente: Ato de fazer um cerco ao Ebola. Por isso, “ao Ebola” é complemento nominal.

Já na expressão “epidemia de Ebola” não há uma ação inerente. Além disso, “epidemia” não deriva de nenhuma forma verbal. Por isso, “de Ebola” é adjunto adnominal. A alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há um verbo intermediando “epidemia” e “de Ebola”, portanto não há predicativo do sujeito.

A alternativa C está incorreta, pois agente da passiva demanda preposição “por” ou “pelo”.

A alternativa D está incorreta, pois não há relação sintática na expressão “cerco ao Ebola” que determine sujeito.

A alternativa E está incorreta, pois, pelas razões explicadas anteriormente, “ao Ebola” não é adjunto adnominal e nem “de Ebola” pode ser “agente da passiva”.

Gabarito: A

23. (FGV/2015)

Redundâncias

Ter medo da morte
é coisa dos vivos
o morto está livre
de tudo o que é vida

Ter apego ao mundo
é coisa dos vivos
para o morto não há
(não houve)
raios rios risos

E ninguém vive a morte
quer morto quer vivo
mera noção que existe
só enquanto existo

(Ferreira Gullar, **Muitas vozes**)



Em relação à oração – é coisa dos vivos –, os enunciados – Ter medo da morte – (1.ª estrofe) e – Ter apego ao mundo – (2.ª estrofe) exercem a função sintática de

- a) sujeito.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto direto.
- d) adjunto adnominal.
- e) complemento nominal.

Comentários:

Os períodos a serem analisados são:

Ter medo da morte é coisa dos vivos

Oração principal: é coisa dos vivos

Oração subordinada: ter medo da morte

Essa oração é uma oração subordinada substantiva subjetiva, ou seja, exerce a função de **sujeito** em relação à principal. Se substituirmos a oração por um “isso”, teremos: **Isso** é coisa dos vivos.

Classificando-se todos os termos:

Sujeito: Ter medo da morte

Verbo: é (verbo de ligação)

Predicativo do sujeito (coisa dos vivos)

O mesmo ocorre na outra oração destacada:

Ter apego ao mundo é coisa dos vivos

Oração principal: é coisa dos vivos

Oração subordinada: Ter apego ao mundo

Essa oração é uma oração subordinada substantiva subjetiva, ou seja, exerce a função de **sujeito** em relação à principal. Se substituirmos a oração por um “isso”, teremos: **Isso** é coisa dos vivos.

Classificando-se todos os termos:

Sujeito: Ter apego ao mundo

Verbo: é (verbo de ligação)



Predicativo do sujeito (coisa dos vivos)

Portanto, as orações exercem ambas a função de sujeito da oração.

Gabarito: A

24. (IME/2015)

“Um romance **cujo** fim é instantâneo ou indolor não é romance.”

“Se hoje eu pudesse falar com aquele menino, diria-**lhe** que a poesia não é nenhum decassílabo de sete cabeças.”

Os pronomes em destaque desempenham, respectivamente, a função de:

- a) adjunto adverbial / objeto indireto.
- b) objeto indireto / objeto direto.
- c) adjunto adnominal / objeto indireto.
- d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
- e) objeto indireto / objeto indireto.

Comentários:

Na primeira frase, “cujo fim é instantâneo ou indolor” caracterizam a palavra “romance”. Por isso, assumem a função de adjunto adnominal.

Já na segunda frase, “lhe” assume função de objeto indireto. Lembre-se que o “lhe” significa “a ele”. Portanto, é complemento precedido de preposição.

Logo, a alternativa correta é alternativa C.

Gabarito: C

25. (UNESP/2012)

Considere o artigo de Don Tapscott (1947-).

O fim do marketing

A empresa vende ao consumidor – com a web não é mais assim

Com a internet se tornando onipresente, os Quatro Ps do marketing – produto, praça, preço e promoção – não funcionam mais. O paradigma era simples e unidirecional: as empresas vendem aos consumidores. Nós criamos produtos; fixamos preços; definimos os locais onde vendê-los; e fazemos anúncios. Nós controlamos a mensagem. A internet transforma todas essas atividades. (...)



Os produtos agora são customizados em massa, envolvem serviços e são marcados pelo conhecimento e os gostos dos consumidores. Por meio de comunidades online, os consumidores hoje participam do desenvolvimento do produto. Produtos estão se tornando experiências. Estão mortas as velhas concepções industriais na definição e marketing de produtos. (...)

Graças às vendas online e à nova dinâmica do mercado, os preços fixados pelo fornecedor estão sendo cada vez mais desafiados. Hoje questionamos até o conceito de “preço”, à medida que os consumidores ganham acesso a ferramentas que lhes permitem determinar quanto querem pagar. Os consumidores vão oferecer vários preços por um produto, dependendo de condições específicas. Compradores e vendedores trocam mais informações e o preço se torna fluido. Os mercados, e não as empresas, decidem sobre os preços de produtos e serviços. (...)

A empresa moderna compete em dois mundos: um físico (a praça, ou *marketplace*) e um mundo digital de informação (o espaço mercadológico, ou *marketspace*). As empresas não devem preocupar-se com a criação de um web site vistoso, mas sim de uma grande comunidade online e com o capital de relacionamento. Corações, e não olhos, são o que conta. Dentro de uma década, a maioria dos produtos será vendida no espaço mercadológico. Uma nova fronteira de comércio é a *marketface* – a interface entre o *marketplace* e o *marketspace*. (...)

Publicidade, promoção, relações públicas etc. exploram “mensagens” unidirecionais, de um-para-muitos e de tamanho único, dirigidas a consumidores sem rosto e sem poder. As comunidades online perturbam drasticamente esse modelo. Os consumidores com frequência têm acesso a informações sobre os produtos, e o poder passa para o lado deles. São eles que controlam as regras do mercado, não você. Eles escolhem o meio e a mensagem. Em vez de receber mensagens enviadas por profissionais de relações públicas, eles criam a “opinião pública” online.

Os marqueteiros estão perdendo o controle, e isso é muito bom.

(Don Tapscott. O fim do marketing. **INFO**, São Paulo, Editora Abril, janeiro 2011, p. 22.)

*Nós criamos **produtos**; fixamos **preços**; definimos **os locais** onde vendê-los; e fazemos **anúncios**. Nós controlamos **a mensagem**.*

Nas orações que compõem os dois períodos transcritos, os termos destacados exercem a função de

a) sujeito.



- b) objeto direto.
- c) objeto indireto.
- d) predicativo do sujeito.
- e) predicativo do objeto.

Comentários:

Quase todas as orações com o período destacado possuem verbos na 1ª pessoa do plural: "criamos", "fixamos", "definimos", "fazemos", "controlamos".

Na primeira e na última oração, o pronome "nós" está expresso na oração, o que facilita a identificação do sujeito, mas nas outras orações você seria capaz de identificar a partir da terminação do verbo.

Se "nós", expresso ou subentendido, é o sujeito, então os termos destacados são complementos verbais. Como não são precedidos de preposição, são objetos diretos.

Ex.:

Sujeito: Nós

Verbo: *criamos*

Objeto direto: **produtos**.

Gabarito: B

6 Considerações Finais das Aulas

Ufa, finalizamos mais uma aula repleta de elementos interessantes para nossa formação com relação à língua portuguesa. Na próxima aula, aprofundarei bastante as relações de sintaxe dentro da oração. Aguardem que vem coisa bem boa por aí!

Bora que só bora e um excelente estudo para vocês!



Professor Wagner
Santos



@wagnerliteratura
@profwagnersantos

Folha de versão: 01/10/2021

